



ÍNDICE

Romance Urbano

Lucila

O Segredo

Noite Antiga ou A propósito de Silene Desaparecida

Caso do Broche

Um Marido ou A Mariposa e a Chama

Retrato da Moça de Verde

O Soldado

O Obscuro Inimigo

As Alianças

Coração Encoberto

Aventura do Primeiro Cigarro

Livraria Agir Editora - 1946

Orelhas do livro

Composto e impresso nas oficinas próprias de Artes Gráficas Industrias Reunidas S.A. (AGIR), em Lucas, Rio de Janeiro - Brasil, em julho de 1946, para a Livraria AGIR Editora.

Para *Luiz Augusto de Medeiros*.

ROMANCE URBANO

" O amor para mim sempre fora uma coisa dolorosa, complicada e incompleta."

GRACILIANO RAMOS, *Angústia*.

TUDO nela era discreto e silencioso, Não direi a cor de seus olhos, pois eu mesmo nunca reparei neles. Talvez fossem claros, é possível que até azuis e grandes... Não sei. Ela era dessas mulheres a quem a gente não ousa fixar abertamente. Pergunto-me agora o que me teria atraído para ela. A beleza? Não. Não, porque não era bonita. Pelo menos no sentido vulgar que os homens emprestam a essa palavra, referindo-se às mulheres, não o era. Para chamá-la de bonita, seria preciso entender de outra forma a beleza. Havia nela qualquer coisa de indomável, de muito áspero, seco. Estranha, eis a palavra. Saberá acaso disso ? Tão diferente das outras! Em tudo. Quando andava, fazia-o ligeira, passo esquivo de corsa, sem atentar em nada a seu redor, muito concentrada. Terrivelmente grave, sempre. Dir-se-ia absorvida por uma ideia íntima qualquer. E que simplicidade no vestir! Difícil encontrar outra que soubesse tão bem ficar nesse justo limite entre a extrema sobriedade e o bom gosto. Não, ela era única. Nunca vi assim.

Como era alta, esguia como uma figurinha egípcia, usava sapatos rasos, pretos, sem um enfeite. O único detalhe acentuadamente feminino, e que aliás parecia merecer-lhe um cuidado especial, eram os cabelos. Realmente, como sabia tirar partido de sua abundante cabeleira castanha! Certos dias trazia-a em tranças, outros dias, solta sobre os ombros, outros ainda... Oh, mas que não sabe inventar a imaginação das melhores para angústia da gente?

Outro detalhe que me feriu logo de início a atenção: sempre sozinha. Curioso, porque sozinha? Viajando em horário tão certo, devia ter emprego, talvez fosse uma pequena funcionária... Como se explicava então que não tivesse amigas, ou simples conhecidas? Faltar-lhe-ia a capacidade para tê-las? Nesse caso, que criatura singular! Não, nunca vi assim. Ela era única.

Ó esquiva desconhecida a quem eu já me habituara, inserindo-te para sempre em minha vida; ó tu a quem eu já ousava chamar, e foi meu erro, "a minha pequena" – que rumo tomarás? Não mais te verei pelas manhãs e às tardes? Mas que farei daqui em diante com as lembranças que me deixaste?

Que farei de teus cabelos castanhos, de tua mão, já tão minha, tão minha? Foi há uns seis meses, lembraste?, que isso começou entre nós... Isso que? Será que alguma vez acaso me distinguiu entre os outros teus companheiros de ônibus? Não creio. Conheci-te tanto, e nem sequer sei o teu nome! No entanto... Agora tenho apenas diante de mim uma série daqueles dias sombrios, daqueles dias sujos de cinza, que eram os dias em que não te via, eu sei. E foi pena. Que par poderíamos fazer! Se soubesses, teria tanta coisa a dizer-te, tanta! Talvez tu risses de mim, quem sabe? Mas eu não te queria mal por isso. Antes acabaria rindo contigo... Pois bem sabia que, de repente, haverias de ficar muito séria, me olhando. Então eu me calaria também, porque o milagre esperado se havia realizado. Oh, o mistério do Amor! Nesse lírico silêncio, a compreensão brotaria como uma flor, como uma estranha flor entre nós. – “Querido!” dirias muito baixo. E eu: “Querida!” E não seria preciso mais nada. Tudo estaria bem: os homens, o mundo, a vida... A própria vida.

A alegria de recordar os primeiros dias em que a descobri... Então, ela andava com um livro, decerto um romance. Entrava no ônibus, abria-o numa página e mergulhava na leitura. Com prazer enchia eu depois, em casa, as horas de sua ausência! Certos dias, passava a viagem inteira sem retirar dela os olhos, ela sem retirar os seus do livro. O vento da praia entrava pelas janelinhas do ônibus em disparada, alvoroçando-lhe a cabeleira castanha. Tinha o cuidado, lendo, de ajeitar os cabelos, Passava a mão por eles, num gesto lento. às vezes a mão se detinha um instante... Eu contemplava aquela mão: era grande, dedos compridos e morenos, as unhas sem pintura e arredondadas. Nenhum anel, nada. Antes assim, não era portanto para exibí-la, pensava. Arrependia-me, em seguida, de ter admitido tal hipótese e desgostava-me. Para exibí-la por quê? Tolo. Não estava logo vendo? Não era dessas, ela não podia sê-lo... A mão desaparecida demorava a voltar. Era a leitura talvez que a retinha. Absorto, deixava-me à espera. Afinal vinha mais uma vez passear pela cabeleira e eu de novo me esquecia a contemplá-la. Como seria bom tê-la entre as minhas, apertá-la! Devia dar uma sensação de coisa seca, muito seca, porém uma secura quase macia...

Mas o curioso era isto: se acontecia eu de tomar o mesmo banco, evitava-o. Uma tarde em que chegou atrasada, ficou de pé. Casualmente diante de mim. Passei a viagem inteira pensando em oferecer-lhe o meu lugar, mas a coragem não me ajudou. Sentado, seu braço roçou duas ou três vezes em meu rosto. Pois retraí-me, não fosse julgar aquilo proposital de minha parte. E nesse dia tive mais um detalhe interessante: nenhum perfume!

Entrei daí em diante a preocupar-me seriamente como se poderia chamar. Abandonei-me em conjecturas. Se fosse loura era fácil: Vanda, Cibele, ou... enfim, qualquer desses nomes modernos, às vezes imprevistos, às vezes extravagantes. Pequena e engraçadinha, um diminutivo: Vaninha, Dorinha... Mas morena e alta, sem pintura, lacinhos nem perfume, como se chamaria? Levei vários dias preocupado com esta séria questão. Bem, podia sabê-lo pelo

livro. Era só no dia seguinte chegar atrasado, não arranjar lugar e ficar de pé a seu lado. Quando abrisse o livro... Mas, quando no outro dia entrei no ônibus, já estava acomodada junto à janela, de livro aberto, com um sujeito gordo ao lado. Nem de propósito: mal o ônibus partiu, o sujeito gordo pôs-se deseducadamente a ler-lhe o livro por cima do ombro. Ela olhava-o de quando em quando de soslaio, mordida os lábios, encolhia-se mais e mais para o canto. De súbito fechou o livro, colocou-o sobre a bolsa e, cruzando por cima os braços, lançou um olhar mau para o gordo, que pareceu nem se dar por achado. Ingênuo. Eu, que não pude conter um sorriso, tão cômica me pareceu a cena, procurei-a com os olhos. Não sei porquê esperava dela um olhar naquele momento “– Viu o que estava fazendo este sujeito?” “– Sim. E você agiu muito bem”, dir-lhe-iam meus olhos. Mas pôs-se a espiar para fora, alheia e distante.

Senti-me ferido com aquilo. Mudamente, comparava-me assim ao sujeito gordo. Será que não fazia uma distinção entre ambos? Orgulhosa. Que interesse podia oferecer a rua, porque não voltava a cabeça? Orgulhosa. Igual às outras. Ou pior. A certa altura, desceu. O sujeito gordo tomou o lugar que ela ocupara junto à janelinha, enquanto eu via meio corpo seu caminhando lá fora. Quando desapareceu de todo, tomei o lugar vago do gordo.

Afinal este desceu também, duas paradas adiante. Ótimo. Tomei o lugar que havia sido ocupado anteriormente por ela. Mas pareceu-me profanado pela interferência, ainda que rápida, do gordo, e não senti o que imaginara, contentei-me em recordá-la, meio alegre, meio triste.

Foi nessa ocasião que, para desespero meu, se sumiu alguns dias. Estaria doente? Que fim teria levado “a minha pequena”? E se tivesse desaparecido definitivamente? Levei perdendo o ônibus pela manhã e à tarde, à espera. Inútil, não aparecia. Uma noite, naqueles dias de ausência, dias de longas horas escuras em que tudo me corria às avessas, sonhei com ela -- Na tarde quente, o ônibus disparava pela praia afora, buzinando. Eu estava sentado, triste, aborrecido, por causa do seu desaparecimento. Súbito, via-a entrar. Sentou-se ao pé de mim, puxou a saia nos joelhos, num gesto espontâneo, e abriu a bolsa. Tive a sensação agradável de que ia conhecer-lhe toda a intimidade. Arregalei os olhos, à espera da revelação. Que teria dentro? Talvez um pequeno lenço onde visse o seu nome... De fato, lá estava no fundo da bolsa o lencinho esperado, muito fino e branco. Em uma das extremidades um nome bordado. Tirou-o, dobrou-o em quatro, com o nome para cima, e ia oferecer-me, quando uns dedos suarentos e grossos, cobertos de pelos ruivos, se interpuseram brutalmente. Reconheci a mão do homem gordo. Maldito sujeito! gritei, atirando-me àquela coisa que já não era a mão; ao meu gesto voou pelos ares, desfazendo-se em centenas de fragmentos que se espalharam pelos bancos vazios. A moça que já não era mais *ela*, conteve um grito, levando a mão – oh aquela mão tão minha conhecida! – aos lábios. Nisso

estremeci, como quem se despenha por um precipício – e reconheci-me sentado à beira da cama.

Encontrei-a pela manhã. Na tarde desse mesmo dia viajamos de novo juntos. Que satisfação! Depois de tudo, era como se a tivesse enfim recuperado, como se agora me pertencesse para sempre. Talvez seja absurdo me expressar assim, mas foi o período melhor do nosso “romance”. Sim, pois não sei por que feliz capricho do acaso, mas daí em diante acontecia vê-la todos os dias...

Pensar que hoje tudo acabou como uma bolha de sabão que os meninos atiram para o ar! Eles inflam as bochechas, a bolinha cresce, cresce, depois se desprende do canudo e lá vai, espaço afora, trêmula, irisante... Num momento: pzuf!

Eis o epílogo. Estava fazendo hora num café a ler uma revista antes de seguir para o ponto do ônibus quando, inexplicavelmente, um pressentimento me assalta. Ia vê-la. O coração começou a bater-me com força. Ia vê-la. E eis que, levantando os olhos da leitura, dou com ela em minha frente.

Ao primeiro olhar quase a desconheci, cheguei mesmo a duvidar da realidade. Que queria dizer aquela mudança? Vestia um costume marrom, avivado no peito por um pequeno lenço branco, sapatos altos, da mesma cor da roupa e, completando a “toilette”, um extravagante chapéu onde um pássaro enorme apontava para o alto um bico ousado e vermelho. Notei também que estava levemente pintada, e, em lugar do livro habitual, segurava com a bolsa um par de luvas. Como estava bonita! Passou-se tudo tão rápido que, por um instante, tive a certeza absurda de que se dirigia para mim, que havíamos marcado aquele encontro pouco antes, pelo telefone... Creio que cheguei a ensaiar um movimento; felizmente refleti a tempo de não cometer uma asneira.

Passeou um olhar sobranceiro pelas mesas; em seguida, tendo avistado a pessoa que procurava, dirigiu-se para ela. Era um rapaz que eu vira entrar comigo e que se deixara estar, o queixo apoiado na mão, fumando e observando. “– Você estava me esperando há muito?” Ele, que se levantara puxando-lhe com presteza uma cadeira, fez um gesto amável que não. Sentaram-se.

Passei dali em diante a observá-los pelo espelho. E ela, como parecia feliz com aquele encontro, que ternura no olhar! Por sua vez o dele não falava outra linguagem. Não os tirava dela um segundo. Vi o *garçom* aproximar-se. O rapaz consultou-a, ela escolheu logo qualquer coisa. Que criatura simples! As outras não sabem o que querem, criam logo um caso, é uma complicação. Ela não: Isto – e está acabado.

O *garçom* voltou dali a um nada, serviu-lhes sorvetes. Enquanto o tomavam entraram a conversar em voz mais baixa. Em certo momento ele apertou-lhe a mão, os olhos nela, e ouvi-o: “– E se você tirasse o chapéu, querida?” “– Tirar?” “– Sim.”

“– Por que?” “– Não lhe fica bem...” “– Mas não foi você mesmo?...” Ele sorriu: “– Sim, fui eu quem lhe pediu que viesse com ele. Obrigado. Mas vejo agora que não lhe assenta, não sei... Quando você entrou quase não a reconheci. Você não é dessas, querida!” e passa-lhe a mão pelo braço. “– Vou tirá-lo, então!”
“– Ótimo”.

Ergueu um pouco o busto e levou as mãos para fazê-lo. Senti um calafrio. Julgara aquele rapaz de início um namorado, na minha surpresa chegara mesmo a tê-lo (e agora estava certo disso), em conta de um simples conhecido... Entretanto, a realidade brutal daquela aliança em sua mão direita!

Noivos, murmurei. Noivos, noivos... fiquei repetindo sem poder acabar de crer, e de súbito (no mínimo, o que eu queria era decerto compará-lo comigo), invadiu-me uma intensa curiosidade de ver melhor o rapaz. Estiquei o pescoço. Era um moço simpático, olhar inteligente, e se não trajava como um elegante também não vestia mal. Lembrei-me de sua observação de há um instante – “você não é dessas, querida!” – e refleti: em todo caso, eis um rapaz que a compreende como eu.

Aqui ele fez um gesto para o *garçom*, pagou a conta; puseram-se de pé para sair. Mas qualquer coisa caiu das mãos dela. Ele abaixou-se, solícito, para apanhá-la. Era uma das luvas.

“– Obrigada, querido!” disse tomando-lhe do braço, o chapéu na mão. Vi-a sair, sorridente. Como toda ela, um sorriso discreto e silencioso.

Deixei o café, encaminhando-me pensativo para o ponto do ônibus. Ou antes, foram as pernas e o hábito que me levaram. Ao ver o carro encostar, lembrei-me de súbito de seu sorriso

“– Obrigada, querido!” – e senti-me tão só, tão abandonado e só, que não compreendi como viera ter ali. Por que não os havia seguido? Podia tê-lo feito à distância. Onde Iriam? Agora era tarde, não mais os veria... Então afastei-me dali, andando à-toa entre os transeuntes numerosos e indiferentes
“– Obrigada, querido! – com um peso mortal no coração.

Para *Daniel Pereira*.

LUCILA

" Comme le cœur se détruit! comme la vie
passe avant de finir ! "

SENANCOUR, OBERMANN, *lettre LXXXIX*.

9 de abril.

APROXIMA-SE o dia de meu aniversário. Decididamente, não me compreendem em casa. Chamam-me de esquisitona, teimam em fazer uma pequena festa íntima. Já lhes disse e continuo firme no propósito; se fizerem alguma coisa, saio de casa pela manhã e só volto à noite, bem tarde, para dormir. Vamos ver. Não se mostram lá muito dispostos a ceder.

*

10 de abril.

Como as horas hoje na repartição me pareceram longas! Há dias assim. Confesso isto a Lenita (a única pessoa no serviço com quem ainda me entendo um pouco), e ela: "– É sim, Lucila. Se a gente pudesse sair para a sessão das duas no Metro, que bom, hein Sorriu. Para que insistir?

Desejo de trancar-me no quarto, sozinha, não ver ninguém... Há certas vozes então que possuem o segredo de me exasperar! Entram-me pelos nervos a dentro como alfinetadas. Não compreendo como os outros não sentem, não percebem nada disso. Talvez porque se pareçam. Sim, são todos iguais e falam a mesma língua... E é assim num ambiente deste que tenho de mover-me, que terei de mover-me... Ou então... o casamento. O casamento! Eu, Lucila, casada, não seria mesmo engraçado? Este arrasador sentimento de ridículo que vejo em tudo... De onde me vem, meu Deus, e por que? Desencantamento? É incrível como se pode chegar a descrer de tudo antes de se ter provado a vida. O pior é que comigo isto se dá nas mais pequenas

coisas. Estou por exemplo sentada em frente de minha máquina, na repartição. Nisto entra uma "parte" para reclamar um processo do chefe da seção. Dr. Silveira levanta-se, oficioso "– às suas ordens, meu amigo". Dali a pouco ouço-o com ênfase: "– Bem, isso é verdade. Mas agora o amigo tem que requerer de acordo com as disposições do decreto-lei tal, em combinação com o parágrafo tal, do artigo..." É quanto basta. Uma vontade irresistível de rir me assalta. Esforço-me por abafar no lenço este frouxo riso, mas qual! Engasgo-me, e chamo ainda mais atenção para mim. Levanto-me, deixo a seção. Dr. Silveira fica me olhando, severo, por baixo dos óculos; os colegas entreolham-se, como quem diz: "– É doida, doida varrida!" E dizer que não faço isto por ironia, pelo menos consciente, que nem sequer está em mim!

*

13 de abril.

Felizmente cederam, não haverá nada em casa. Pela manhã mamãe me perguntou: "– Então, vai trabalhar hoje, Lucila?" "– Por que não? respondi-lhe – é um dia como outro qualquer". Sim, exteriormente. Pois interiormente sinto-me triste, mais triste que nos dias comuns. Uma ponta de melancolia... Vinte e três anos! Considero o tempo que passou e não logro compreender como se foi tão depressa. Se ainda ontem era uma criança! Que criaturas contraditórias que somos! Quando tinha doze, treze anos, desesperava-me com a idade – queria ser moça. Vieram os quinze, dezesseis anos, depois os dezoito. E não experimentei nada do que na adolescência imaginara. Então era aquilo os dezoito anos ? Esqueci essas criancices, fechei os olhos com indiferença à fuga do tempo. Eis-me agora com vinte e três anos! "*O temps, suspend ton vol!*" De quem será esse verso ? Ficou-me de cor do tempo de colégio, lembro-me de que o traduzíamos da nossa antologia francesa. Como eu compreendo o que queria dizer o poeta, como eu o compreendo... Ó tempo, inimigo insaciável, monstro, que buscas nesta luta? para onde vais? detém-te um pouco!

*

7 horas da noite.

Acabo de chegar em casa e encontro sobre a penteadeira, em meu quarto, uma carta. Não foi surpresa para mim. Diversas vezes durante o dia de hoje tive esse pressentimento. Nem foi preciso ver a letra do endereço para adivinhar -- Stélio. Decerto aproveitou a oportunidade de meu aniversário para uma declaração, sem dúvida decisiva para ele. Que devo fazer? Mas ainda tenho dúvidas, meu Deus? Está decidido -- vou devolvê-la fechada, amanhã mesmo.

*

14 de abril.

Mais um dia de tédio e insatisfação, um dia sujo de cinza como tantos outros em minha vida. Há ocasiões – e isto está se dando a cada instante – em que me surpreendo, por assim dizer, diante de verdadeiros muros... Lenita veio dizer-me que a nova funcionária (chama-se Hilda, e é pequena e loira), me acha terrivelmente antipática. Meu Deus, que teria notado em mim? Esforço-me tanto para mostrar-me uma Lucila que não sou, e afinal de contas... Decerto Hilda me acha feia e devo desagradar-lhe com esta minha falta de jeito para fazer e manter relações, meu retraimento deve dar-lhe impressão de orgulho. Oh este incurável descontentamento de mim própria! Olho-me ao espelho: realmente, com este rosto comprido, estes cabelos corridos (por causa deles na escola chamavam-me de “cabritinha molhada”), estes braços longos, tão alta, nada tenho de atraente. Que será que Stélio viu em mim para tão absurdamente se aproximar? É verdade, esqueci-me de trazer a carta. E dizer que a pus bem à vista, para que isto não acontecesse... Preciso é resolver de uma vez esta entrega. Meu Deus, como é penoso tudo isto! Não quero abri-la, tenho medo... Se um acontecimento qualquer surgisse, um imprevisto que resolvesse bem essa situação!

*

15 de Abril, sábado.

Têm razão as pessoas com quem convivo. Por que acordei esta manhã tão contente, Senhor, por quê? Realmente, sou absurda. Levantei-me mais cedo que de costume e não consegui dominar-me. Uma alegria louca, sem motivo, tomou conta de mim. Se não estivesse tão fria a manhã ia à praia. Comunico isto em casa. “– Sozinha? E num dia deste?” De fato, chego à janela e vejo o mar avançando de longe em ondas violentas contra as fortalezas da barra. Como é belo! Esta força selvagem do mar sempre me impressionou. Por que não somos nós, pobres criaturas, assim livres, indomáveis e poderosas? Como a vida seria grande! Ideias, ideias, ideias... Melhor ouvir um pouco de música. Interessante, quando me sinto contente não gosto de ler. Acho que vou faltar ao serviço... Ou não? Bem, vou agora ao jardim transplantar um pé de margarida, colher um pequeno ramalhete de violetas para minha blusa de pintinhas – gosto tanto dela, com a saia azul! – e depois resolvo se vou trabalhar ou não. Só queria saber porque me sinto tão eufórica, tão leve e feliz. Como é bom estar viva, fitar o sol! O mundo acaba de ser criado: todas as coisas me pertencem. Obrigada, meu Deus, por tudo que me dás. obrigada!

*

16 de Abril, domingo.

A gente de casa saiu para a igreja. Mamãe veio chamar-me às sete horas. Respondi-lhe que ia à missa das onze. Na verdade minha intenção é de não sair hoje de casa. Como me afastei de minha educação religiosa! Enfim, que fazer se nada disso tem hoje significado para mim? Também logo mais à tarde não pretendo ir às Mercedárias visitar Cacildinha. Quero aproveitar o domingo para continuar a leitura do romance que comprei ontem: O IDIOTA. Que criatura admirável aquela Natásia Filipovna! Gostaria de conhecer uma pessoa assim. Ah, que grande amiga eu faria dela!

*

Madrugada.

Noite inteira em claro. De início tentei agarrar-me ao enredo do romance, mas foi inútil. A leitura, em vez de acalmar-me, angustiava-me cada vez mais. Levantei-me e abri a janela. O ar fresco da madrugada serenou-me um pouco. Julguei que a coisa passasse, porém... Quando dei por mim, vi-me com a carta nas mãos. Esta carta é meu desespero, a minha angústia. Como estará interpretando Stélio o meu silêncio? Abri-la? Mas se o fizer não a poderei devolver; e uma resposta de minha parte se imporá... e com maior urgência. A letra dele. Belo talhe de letra. Que me dirá Stélio? Sem dúvida é um novo apelo, talvez patético, como aquele que me fez pessoalmente no início desse nosso singular namoro – e já se foram desde então dois anos! – quando não lhe havia ainda proibido que se aproximasse de mim: “– Lucila, olhe como o tempo vai passando e como nós o estamos deixando passar inutilmente! É o melhor talvez de nossa vida. Pense, reflita, seja sensata. Veja que eu não lhe peço que me ame, não, que somente aceite o meu amor... Que me suporte”. Nessa tarde Stélio me acompanhou até Niterói, mau grado os meus protestos. Fazia seis meses que nos conhecíamos... Quantas vezes depois não o vi seguir-me na viagem! Oh meu Deus, que devo fazer? Uma vez que não lhe devolvi a carta no primeiro dia, agora é tarde. Mesmo que lha devolva fechada, a demora já traiu minha indecisão. Senhor, inspira-me uma conduta razoável!

*

17 de Abril, 9 horas da noite.

Como são aborrecidas as segundas-feiras! Há quem diga que a sexta-feira é dia aziago. Não; não é a sexta, mas a segunda. Pelo menos para mim. Fui para a repetição nesse estado de espírito e, para cúmulo do azar, encontro Stélio no elevador. Encaramo-nos durante um segundo. Imagino como devo ter ficado vermelha... O embaraço dele também não foi menor. Tirou um cigarro, mas ao levá-lo à boca para acendê-lo, deixou-o cair. Irrefletidamente abaixou-se para apanhá-lo; compreendeu a tempo o absurdo do gesto e teve um vivo

movimento de impaciência: “– Ora!” Que eternidade me pareceram os breves segundos de ascensão! Não posso garantir se Stélio me cumprimentou, de minha parte também não sei se o fiz... Não compreendo como o suportei. Oh como transformo o amor num sentimento absurdo. doloroso! Que quero eu afinal?

*

18 de Abril.

Estranha magia de música – até a mais vulgar – sobre a alma da gente! Não há dúvida, foram as valsas do músico ambulante, na barca, que me puseram neste estado de espírito. Era um rapaz moreno, barba crescida e cabelos em desalinho, ar displicente de vagabundo. Mal a barca largou dirigiu algumas palavras às “distintas pessoas presentes” e pôs-se a tocar um instrumento – uma caixa rústica, espécie de bandolim com som de guitarra. E a barca veio jogando todo o tempo, num doce balanço tão em harmonia com as valsas e choros do rapaz! Foi enquanto o ouvia que decidi comigo abrir a carta de Stélio. E, conforme fosse, dar-lhe uma resposta favorável. Por que não? Terei acaso direito de duvidar ainda da sinceridade de seu amor? Tudo isso vim meditando em viagem, porém ao chegar agora em casa... Dir-se-ia que o milagre se desfez, que já não sou a mesma de há pouco... Sim, diante da realidade falta-me coragem, tenho medo. Como sou covarde! Impossível que um dia não pague, e caro, estas fraquezas!

*

22 de Abril.

Três dias de um tédio sem nome. Horror a tudo, nojo de tudo. Já disse em casa, precisamos nos mudar de Niterói, e quanto antes. É a cidade mais ridícula do mundo. Que coisa horrível, todos aqui se conhecem! Estes dias, tanto na ida como na volta, tenho sido obrigado a viajar com pessoas tão aborrecidas. “– Então, dona Lucila”, pergunta-me o Dr Peixoto, “quando saem os doces?” Completando esta série de acontecimentos aborrecidos, novo encontro com Stélio. Desta vez li-lhe nos olhos: está ansioso pela resposta, espera-a ainda e parece disposto a esperá-la indefinidamente. Deu-me a impressão de andar mais magro. E eu que tenho andado pensando em devolver-lhe a carta por intermédio de Lenita. Meu Deus, existirá pessoa mais indecisa, mais absurda que eu? Afinal por que não me resolvo? Sim ou não, e pronto, estava tomado um rumo. Como se portaria ele no caso de um não? Será que desistiria? Se tivesse certeza que sim... E enquanto isso os dias se passam. Se um incidente qualquer decidisse tudo... Mas como? Não; só resta uma solução: tenho que desaparecer por uns tempos. O melhor que faço é requerer férias. Talvez alguns dias em casa de tia Lota, no Alto da Boa Vista,

me façam bem. Dr Silveira anda de tão má cara para mim! E o pior é que eu própria lhe dou razão. Como funcionária sou um fracasso. Aliás em que não o sou? Por que existirão criaturas como eu, e para que? No entanto mamãe e papai são pessoas tão normais, tão simples... E Cacildinha, meu Deus, que inocência de quinze anos! Se fosse outra, apesar da idade, podia ter nela uma confidente destas minhas angústias. Como é horrível, trágico, ser só absoluta, irremediavelmente só !

*

24 de Abril, segunda-feira.

Requeri férias hoje, Lenita disse-me que ontem viu Stélio na praia com um grupo de rapazes. Estiveram algum tempo conversando, depois ele se afastou com outro para pescar do alto de uma rocha. Quis perguntar a Lenita umas coisas sobre Stélio, mas não tive coragem. Ela talvez fosse depois contar-lhe, talvez. Aliás que direito teria eu de indagar sobre as amizades femininas dele ? A própria Lenita seria a primeira a sorrir...

*

25 de Abril.

Entro em férias amanhã. Não vou para o Alto da Boa Vista, mas para a casa de tio Miguel, em Teresópolis.

*

26 de Abril.

Vou viajar hoje à tarde. Pela manhã fui à casa de Lenita pedir-lhe que devolvesse por mim a carta a Stélio. Mas que luta, meu Deus, para me decidir! Ao abraçá-la, à saída, estive por um triz para pedir-lha. Lenita notou qualquer coisa “– Então, Lucila, é somente entregar mesmo?” “– Sim”, respondi-lhe, sabe Deus com que aperto no coração, “– sim, Lenita, não é preciso acrescentar mais nada”. Em todo caso, antes assim! Pronto, quando voltar, Stélio terá desistido, inicio vida nova. Quero esforçar-me, em Teresópolis, por passar umas boas férias. Isto é, aproximar-me da natureza, da vida simples... Embrutecer-me. Nisto, e somente nisto, está a minha salvação.

*

3 de Maio.

Não, não tenho vocação para o campo. Meu lugar é na cidade; compreendi agora que só me agrada a solidão no meio dos outros, do tumulto. A solidão material, e por largo tempo, põe-me numa angústia enlouquecedora. Eis-me de volta de Teresópolis. Bastou uma semana para que não suportasse mais a pequena cidade...

*

2 horas.

Acabo de conversar com Lenita pelo telefone. Não a compreendo, Lenita não é assim... Mostrou-se tão misteriosa.

“– Então, Lucila?” “– Pois é, Lenita, já estou de volta”.

“– Mas...” “– Que é, criatura?” Calou-se. Quis que me dissesse se era alguma coisa boa ou má, ao menos. Negou-se. Que fosse logo mais à casa dela. Prometi-lhe que iria amanhã.

*

5 de Maio.

Que dia terrível o de ontem para mim! E que dias de agora em diante... Antes me tivessem deixado ficar em casa de tio Miguel. E até agora não saber eu de nada, de nada! “– Stélio morreu afogado, Lucila”. Não, não é possível, é tudo um sonho mau, nada disso é assim, não pode ser, absurdo. Os jornais que ela me deu trazem a data de 1º de maio, segunda-feira. Pela centésima vez, desde ontem, contemplo neles o retrato de Stélio, releio a notícia: “Na manhã de domingo último, no Arpoador...” Oh, é terrível! Quatro dias depois do meu embarque. Pensar que enquanto passava meus dias em excursões a cavalo, as noites agarrada à eletrola de tio Miguel... E Lenita me afirmou que no serviço todos são de opinião de não se tratar de um simples acidente. Dois dias antes, ele que raramente faltava, não compareceu ao serviço. Os que falaram com ele, pela última vez, lembram-se agora de que Stélio se mostrou terrivelmente sombrio, monossilábico. Meu Deus, e quem foi a causa desta desgraça senão eu? Como não previ a possibilidade de um fim deste, como? Eu tinha obrigação de adivinhá-lo... para mim não há desculpa. Quando eu esperava por um imprevisto, por um súbito milagre que levasse para bom rumo a nossa situação, o que fazia era apenas deixar-me guiar pelo egoísmo, pela pequenez de meu miserável coração incapaz de se decidir, incapaz de amar, incapaz de coisa alguma...

Lenita. Admirável amiga! Stélio indagou dela que era feito de mim, logo nos primeiros dias de minha ausência. Deu-lhe a notícia de minhas férias, mas teve o bom senso de não lhe devolver a carta. Não concordara com a indelicadeza de meu gesto e, de volta, esperava de minha parte que eu tivesse mudado de opinião. Admirável Lenita! Como você me conhece, como no fundo, com sua compreensiva serenidade, você há de sorrir de mim!

“– Stélio morreu”. Eis a única realidade para mim. Como tudo agora me é indiferente, como ficou vazio o mundo, aos meus olhos! Parece que eu própria morri pela metade. Ficou apenas a consciência, terrivelmente lúcida, para ver, para analisar tudo. Estranha lucidez. Vejo as coisas, considero sentimentos e fatos – e tudo me parece tão simples, tão sem véu nem mistério... Tenho medo desta lucidez. Quero de novo me perder nas coisas, no sentido comum que lhes dão. Vou sair. Preciso ir ao cemitério, preciso ver o túmulo de Stélio. Onde fica, onde? Não importa, eu mesma o descobrirei. Onde houver uma sepultura com flores murchas... Oh, mas por que não me mandaram avisar, por quê? Podia tê-lo visto pela última vez, ao menos... Por que não me avisaram, Senhor? Eu ainda o veria... Eu o veria morto, mas seria ele, Stélio. Mas que faço a devanear assim desde ontem? Preciso ir ao túmulo de Stélio. Só isso me tranquilizará, só isto. Irei lá sozinha. Não é preciso saber onde fica. Ali onde houver rosas murchas, muitas flores murchas... Flores murchas, rosas. Que quer dizer isto? Não, não existem flores murchas. E as rosas não morrem nunca, são como o amor. Eu as vejo acenando as suas rubras corolas para mim; como são perfumosas, como estão vivas! Elas acenam para mim; são as rosas de meu noivado com Stélio. Que faço aqui? Stélio espera por mim – marcamos um encontro no mercado de flores. Que faço aqui? Depressa, Lucila, depressa, que Stélio espera com impaciência por você!

O SEGREDO

UMA bola. Imensa, imensa. Ele está dentro ou fora da bola? Onde? É de noite ou de manhã?

Deitado na cama, sozinho, o menino doente povoa de imaginações a penumbra silenciosa do pequeno quarto. Diante de seus olhos, o mundo vai e vem, sobe e desce, lento...

Súbito, rodopia. Ele se agarra desesperadamente a qualquer coisa. Aonde o levam? “– Para o cavalo voador!” Cavalo diferente. Ah, não é cavalo, é um avião.

Abandonou-o no cume daquela montanha. Prru... Ele sabia que o pedaço de gelo ia despencar. Não falou, mas sabia. Onde estão os outros meninos? “– Guile! Fred!” Debaixo do gelo, mortos. Coitados.

Agora aquela coisa ondulante, pegajosa, líquida. Ele bóia docemente; docemente deixa-se levar... Água. Água morna. É o mar. Podia ser o Lago Constança, aquele... Aquele, sabe? Mas não, é o mar.

Por que Clarita não veio à praia com ele? Tão bom, se ela tivesse vindo “– Clarita! Ó Clarita!”

Está ali, mas não responde. É que não gosta dele... “– Clarita, venha cá! Olhe, eu quero dizer uma coisa a você, venha!”

Inútil. Levantaram ali um muro com tijolos de brasas. Para separá-los, somente. Que ruindade! Se pudesse levantar-se...

Ouviram? É a voz de Clarita. Quando fala assim – não ouviram? – quer dizer que já vem, sabe?

Um, dois três, quatro... Como demora! Não é possível, decerto enganou-se.

Joana. Sempre aquela intrometida da Joana. Pensando que não ia conhecer a voz dela... Mas não sabe que ele não gosta dessa brincadeira? Porque mamãe não manda Joana embora? Além de tudo, mexeriqueira. “– Dona Conceição, Bertinho e Clarita estão no fundo do quintal brincando de marido-e-mulher”.

Só porque sabe que mamãe briga, não quer que brinquem daquilo. E por que também mamãe proíbe? Não é uma brincadeira igual às outras? A mãe do Guile não é assim. Nem a de Fred...

Dona Cló, a professora, interrompia a leitura. “– Sinônimo de mau, Bertinho?” Respondia: “– Ruim, dona Cló”. “– Sim; outro”. Não sabia. “– Oh, tão fácil! Severo, perverso... Continue a leitura”.

Não é nada disso. Que lugar mais escuro, meu Deus!

“– Silêncio! Silêncio!” Oh, aquele ruído de água caindo, que não para! Pin, pin, pin, pin... será a chuva no tinhorão da varanda? Que será? Calou-se; decerto é o vento que empurra os pingos... Recomeçou, pin, pin, pin... Se afastassem o vaso um pouco, uma coisinha de nada, o ruído cessaria. “– Joana, ó Joana!”.

Uma gruta. Que querem fazer com ele? Também como foi deixar que o trouxessem para ali? Aquele peso nos braços e nas pernas... Com certeza incharam. Compreende: é que amarraram pedaços de chumbo para ele não fugir. Agora não tem outro remédio senão ficar naquela prisão o resto da vida, para sempre, para sempre!

“– Clarita, ó Clarita! Ouça aqui uma coisa, olhe, eu não posso sair, venha cá!”.

Esqueceu-se dele. Quem sabe até se não está brincando com Guile ou Fred? Sim, sim; e é por isso que consente que ele fique preso. Até ela, até Clarita!

Quem a chamou? Ninguém? Não é possível, ouviu bem claro: – “Ber-tinho!”

Atrás do guarda-roupa – ele viu – tem alguém. Um vulto alongou-se pelo fio da luz, escondendo-se ali. Não está sonhando, não. Viu direitinho: era fino e comprido, uma cobra.

Ah, botou a cabeça de fora. Estão vendo, uma cobra! Que olhos, que olhos! Bicho ou gente? Gente não é... Como o fita friamente! Quer devorá-lo. Lá vem se aproximando. Tio Nelson! Ora, e teve tanto medo! Mas que esquisito, pensava que o pai de Clarita houvesse morrido...

–“Tio Nelson! Tio Nelson !” Não responde; no entanto mexe com os lábios. Que estará dizendo? Será a alma do tio Nelson, que morreu? Ou saiu do retrato da sala? É isso, para espiá-lo. Por que mamãe não tira da parede o retrato do tio Nelson: para toda parte que vai, acompanha-o com aqueles olhos! Um dia até sorriu para ele. Havia chegado da rua, estava sozinho na sala... Quando olhou... Que susto, meu Deus! Saíra a toda disparada. E a mamãe: “– Que foi, menino? Que foi?” Explicara. “– Ora, deixe de bobagens, Bertinho”.

Agora está ali. Que quer dele? Nem se vai embora nem responde. Ah, com certeza é por causa daquilo. Quem lhe teria contado? Ele mesmo que vira? Mas não chegou a dizer nada a Clarita!

De volta da escola, à tarde. Estavam há tanto tempo no quintal, sozinhos, perto do tamarineiro (ou goiabeira). E o tempo ia passando, passando. “– Agora. Não, agora não, mais um instantinho. Agora”. E aquele instante passava, e vinha outro, e ainda outro e ele nada de falar. De repente, decidira-se, “– É agora”. Mas dentro do peito, o coração com força: toc, toc...toc, toc... E aquele aperto na garganta, o enxame de abelhas zum-zum na cabeça! “– Aí, hein, vou contar a dona Conceição!” Nem olhara para Joana. Trepara no tamarineiro (ou goiabeira) e começara a balançar um galho com fúria. Os tamarindos (ou goiabas) caíam... Clarita indefesa contra a chuva: “– Chega! Chega ! Chega!”

Não era tio Nelson. Papai! e ele não conhecer logo... “– Já vai, papai ?” Desapareceu. Se ao menos esperasse um instante, um instante só!

Sons de sino. Longe, longe... Agora o sino, cada vez maior, vem voando pelo espaço afora: blem, blem blem...

Mas é o trem. Chegando ou partindo ? Que horas são ? Tão forte a claridade na janela em frente! Por que não puxam a cortina ? Têm medo de que o sol pegue fogo na cortina. “– Você, Clarita ?” Tinha certeza de que ela viria, de que não se esqueceria dele. Como Clarita é boa! “– Olhe, Clarita, eu já vou!”

Sim. é um momento só, apenas enquanto mamãe lhe veste o terno à marinheira. Que fique onde está, que fique na janela do trem. Está demorando, mas não é de propósito. Já vai! É que mamãe não quer deixá-lo levar a bengalinha. Pode ir sem ela ?

Ao lado de Clarita. Enfim ! Oh, por que ela se afasta, porque não o deixa beijar-lhe os cabelos? Então não sabe que acha tão bonitas as tranças dela ? Bem, não insistirá. Mas dê-lhe a mão, somente a mão. Assim! Ah, se não a tivesse largado não teriam passado tanto tempo separados ! Como Clarita está bonita hoje! Foi mamãe quem fez para ela aquele vestido? Sim, sim, é um grande bobo; hoje não, Clarita é bonita sempre.

Deve falar mais baixo? Não tem importância. Não estão sozinhos no trem? Ah, tem uma coisa a dizer-lhe. Se ela soubesse! “– Eu vi seu pai, Clarita, eu vi tio Nelson !” Sim, disseram que morreu mas estão enganados. Se ele o viu ! Se Clarita quiser correr atrás dele ainda o poderá ver. Talvez esteja agora na sala.

Como? Clarita chora? Ora, para que foi contar-lhe que vira o Tio Nelson! Que lhe perdoe, sim! Depois não era nada disso que lhe queria dizer.. “– Uma coisa, Clarita. Ou você vai ficar zangada, hein?”

Blem... blem... blem... O trem partindo. Sim, afinal! Há quanto tempo que fizeram pela primeira vez aquela viagem, hem! Clarita não se lembra da primeira vez que mamãe os levou a Petrópolis? Pois ele se lembra direitinho. Na viagem, uma moça que estava com um moço perguntou: “– São irmãos, minha senhora?” A mão de mamãe parara um instante de consertar a gola da blusa dele: “– Não, minha senhora, primos !”. A moça batera no rosto dele: “– Ah, pensei! Um parzinho de galhetas... ”Então ele ia perguntar: “– Mamãe, que é que essa moça disse?” Mas mamãe Mas mamãe olhou para que se calasse. E as duas pegaram a conversar... Depois os meninos na subida da serra. Ah, Clarita não se lembra como eram engraçados, não? Ela até sabia arremedar direitinho: “ – Nal! Nal! Nal!” O moço que estava com a moça, riu, riu, riu. E na rua da estação, o carrinho com carneiro, e arreios e tudo, feito cavalo mesmo! Por causa do carrinho com carneiro eles haviam brigado em casa de dona Zuleica... Mas de noite trocaram de bem. E quando já estavam deitados, ela se levantara para ir buscar Nequinho para a cama. Coitado, fazia tanto frio e haviam se esquecido dele, nu, debaixo da cadeira da sala...

Chegaram ? Mas que depressa ! É sempre assim quando está com Clarita... por que será ? “– Clarita, ó Clarita ! Não, não é nada disso. É outra coisa”.

Depois. Sim, depois dirá. Não disse ainda por causa de mamãe. Como? mamãe ficou no trem, vai voltar? Melhor. Assim ficarão sozinhos, livres. E se não fossem para casa da madrinha dela ? Clarita não sabe que ele não gosta de dona Zuleica? Pois não gosta. Ora essa, porque ela é muito branca... igual a Guile, tão branca ! Ir aonde ? Por aí, passeando... Quando passarem juntos, as pessoas nas janelas dirão: “– Estão vendo ? Aqueles dois são Clarita e Bertinho !”.

Lago Constança. Sim, aquele que mamãe mostrou na fita de cinema. E aquilo ali é um dos canais, com as hortênsias. Clarita não quer ir pelo lado do canal ? – Na hora de atravessar a ponte pode fechar os olhos, pronto! “– Segure bem na minha mão, Clarita ! Assim, aperte com toda a força!”

Ih, como a água está ficando vermelha... Sangue ? Ou tinta ? Mas tinta é azul! Que é aquilo no rosto de Clarita ? Como os olhos dela se tornaram maiores. Se soubesse como fica bonita assim... Clarita com medo. Mas por que tem medo ? Ele não está ali ? Que Clarita espere, vai perguntar àquele moço se é sangue ou o que é. “– Moço, o senhor...”

Oh, Guile. Ah, é sangue, não é? Então é preciso falar baixo para Clarita não ouvir. Que é aquilo que Guile estende para ele ? Para ler ? Mas a letra de Clarita...

“Guile, eu gosto de você, meu amor, e você gosta de mim? Na hora da saída da escola de tarde me diga se gosta ou não. Eu gosto demais, tanto que não pense que gosto de Bertinho, que é meu primo. Eu gostava, mas como ele agora está doente eu deixei de gostar, mas de você...”

“– Guile, Guile, não quero ouvir !” Não, ele conhece Guile, é tudo mentira, é tudo invenção dele. Clarita não ia fazer aquilo.

Clarita debruçada para dentro do canal. “– Cuidado, Clarita!” Queria uma hortênsia? Por que não lhe pediu? A azul ou a branca, qual é que ela quer? A cor-de-rosa? É dessa também que ele gosta...

Como, então vai aceitar a azul que Guile está colhendo? Oh, por que não disse a ele que gostava daquela ? Por que é maior ? Mas ele escolheria a maior de todas...

Clarita... Guile... Onde estão eles ? “– Clarita, ó Clarita !”

Desapareceu. Se tivesse antes dito aquilo a ela! Agora é tarde. Seria tão simples... Era só tomar as mãos dela entre as suas, olhá-la bem nos olhos e... Clarita, eu... Não, nem seria preciso dizer, Clarita compreenderia logo, logo.

Uma estrela no céu. Clarita? Há uma estrela – lá longe – no meio da noite. Mas a escuridão é tão grande... É tão grande e dói tanto !

Para José Pancetti.

NOITE ANTIGA ou A PROPÓSITO DE SILENE DESAPARECIDA

" Mais elle fait plus volontiers penser à la lune,
qui sans doute l'a marquée de sa redoutable
influence... "

CH. BAUDELAIRE, *Petite poèmes en prose*.

"-P OIS BEM, também eu ajudarei a empurrar o tédio destas noturnas horas sem fim, contando alguma coisa", concordou ele, esvaziando o cálice. "Apenas, bem me conhecem, não esperem de mim uma história no gênero das que acabam de dizer. As histórias verídicas, essas, já observou alguém e com razão, não merecem mais ser contadas".

Levantou-se subitamente exaltado, pondo-se a passear ao longo do rubro tapete da sala. Fez-se um grave silêncio: todos esperaram. Como se fitasse uma visão e com ela dialogasse, fixando emocionado o olhar em um vago ponto do espaço, continuou:

"– Se acaso o li em algum velho livro esquecido ? Se me inspirou o álcool ou se a engendrei numa de minhas constantes fugas? Não me interroguem a esse respeito. Realidade ou sonho, que importa ? Lembrem-se do poeta: "há muita ciência nas palavras das sibilas" – guardem silêncio e ouçam-me".

"– Chamava-se Silene. Em casa, ainda que não a compreendessem, gostavam dela. Uma semana antes o pai (a mãe morrera ao dar-lhe a vida) sentara-se a seu lado e tomando-lhe as mãos: "– Então, minha filha, que é que você quer de presente de aniversário ? " Ela baixara os olhos, aqueles seus negros olhos penetrantes: "– Nada, meu pai". Nada ? Como assim ? Então não queria... Trocar de automóvel ? Não? E mudar a mobília do quarto, por exemplo, também não ? Bem, e se lhe desse... Ah, até parara à porta da joalheria para apreciar o broche. Que joia! Uma borboleta filigranada, enorme, os olhos dois rubis faiscantes. Não, não se teria admirado se de repente a visse desferir um voo... Porém ela, que ouvira todo o tempo calada: "– Nada, meu pai, eu tenho

tudo!” Ouviram ? Eu tenho tudo. Era assim Silene, sempre fora assim desde criança... Ah, Silene! Há nomes que são abismos.

Mas naquela noite... Ela não havia antes pensado em nada. Em nada. O silêncio na casa era completo; avidamente, ficara lendo até tarde. Houve porém um momento em que levantou a cabeça do livro; pelas janelas abertas de par em par o resplendor de uma imensa lua penetrava como uma aurora boreal. Fechou o livro docemente, e docemente desceu ao jardim. Como chovera horas antes, a noite estava fresca, errava no ar o aroma forte dos jasmineiros. Retirou o carro (fora por simples capricho que um dia aprendera a dirigir), e saiu. Saiu devagar, olhando as coisas que a claridade transfigurava fantasticamente. Para onde ia ? Essa preocupação de fazer tudo com uma finalidade... Que importava ?

Quando deu conta de si, dali a instantes, Silene estava na estrada de K... A sua branca perspectiva, à noite, era um apelo gritado: VELOCIDADE! VELOCIDADE! Ela que sempre sentira que a vida era lenta, oh, como era lenta a vida ! Por que não multiplicar os minutos, acelerar o tempo, inserir no tempo a eternidade?

O vento agita-lhe violentamente os cabelos – libertadora sensação de voo ! – enquanto as mãos dirigem, sabiamente dirigem, guiadas por um instinto. As árvores da orla da estrada mancham o solo de sombras descomunais; o vulto de um caminhante avança curvado pelo cansaço, enquanto na altura, em movimentos de câmera lenta, nuvens acastelam em torno da lua esculturas inéditas. Mas Silene não tem olhos para isso, não repara em nada. Difícil mesmo de dizer se lhe vem à lembrança aquilo que uma vez anotou à margem de um livro: “Como sou feliz!” Não há ninguém que o seja mais que eu. Nesse instante sou a mais feliz criatura do universo. Vontade de chorar em silêncio... A morte. Ah, compreendo que se possa querê-la, que sinceramente se tenha desejo de estender-lhe a mão. Como eu, neste instante. Por alegria, por alegria! Este raro momento de perfeita identificação comigo mesma, este momento de plenitude. Eu sei que ele se esvairá, meu Deus !”

Não, Silene não pensa em nada disto. Tudo isto ainda tem qualquer coisa de ideia e estas agora despiram em seu espírito, aos poucos, toda a significação, transformando-se numa aspiração, numa ânsia. É só um ponto negro a se projetar em sua consciência, como uma meta a alcançar. Para lá! Mas dentro ou fora ? Onde ? Onde ? Quase a tocá-lo e ao mesmo tempo tão distante ainda ! Alcançá-la-ia ? Por fim esta mesma noção se desagrega, vai-se diluindo, diluindo em círculos luminosos e concêntricos, despidos de qualquer significação. Talvez uma estrela. Sim, longínqua e fixa, uma estrela. Deslumbrada por esta pura visão interior, Silene fecha os olhos, enquanto as mãos sempre possuídas por um lúcido instinto, fazem o seu ofício. E a sua estrela cada vez mais próxima! Lá está, naquele fundo abismo a maravilhosa visão daquela luz, como o mistério do seu destino. Depressa, é preciso

deslumbrar-se no seu brilho imortal, é preciso nele naufragar para sempre! Aquele sentimento cada vez maior de libertação, de onde vem ? Oh, agora ela é livre, livre enfim ! “Meu! Meu!” O vento leva-lhe a palavra, que vai transformando em um grito: “Meu ! Meu ! Meu !”

De repente, possuída de uma clara consciência da realidade, sabendo lucidamente o que fazia, mas querendo exatamente aquilo, fascinada mesmo pela ideia de que devia, de que desejava realizá-la... Foi então tão rápido o movimento, que Silene não teria tempo de arrepender-se. Sim, era aquilo o que ela queria, era aquilo. “Meu ! Meu ! Meu !” E nem as estrelas, no alto, ouviram o surdo baque do carro no escuro... “

“– Sobre as montanhas e os vales da Serra de K..., a neblina esgarça-se vaporosa ao longo do maciço verde-escuro da vegetação. Úmido de orvalho da noite, o capim da orla da estrada fumega e recende ao contato dos primeiros raios de sol. Aproximam-se as sete horas. Uma borboleta surge do cerrado do mato, indo, vagabunda, pousar no telhado de um barracão de madeira: Turma L, quilômetro 55. No frio da manhã, trabalhadores deblateram pequenas questões de serviço, enquanto vão desembaraçando sem pressa as ferramentas. Há um doce rumor de vozes misturado ao tinido dos ferros... Menos ativos, uns se deixam estar fumando; outros, encolhidos como pássaros friorentos, observam com preguiça os companheiros. Um deles, largo chapéu de palha, feições requeimadas, destaca-se agora do grupo, e atravessando a estrada, encosta-se ao tosco paredão de pedra. Naquele trecho o declive do terreno é violento, mais íngreme que em outros lugares, quase perpendiculares. Na sua pedra escavada, enegrecida pelas enxurradas, cactos se agarram aqui e ali, perigosamente. O homem de chapéu de palha considera algum tempo o panorama, a princípio distraído, logo depois com viva atenção num detalhe. Súbito, grita para os companheiros, reforçando a fala com um gesto. Um desastre! Deve ser um desastre, pois há um carro tombado lá em baixo.

A frescura da manhã põe aqueles homens rudes de bom-humor. Bate boca salpicado de termos obscenos, chocarrices. Enfim, três ou quatro resolvem descer ao local das conjecturas. Com efeito, ali está, de borco, um carro. Na falta de duas rodas, brutalmente exhibe a violência da queda. Novas conjecturas. Enquanto isto, a meia distância, um deles que se afastara em silêncio, vai dar com um corpo de mulher caído para dentro do riacho que desce do interior da mata; estaca vivamente, vendo talvez naquela descoberta um agouro para o seu dia: não pode ser outra a razão por que se persigna tão prontamente. Diante do quadro, um detalhe lhe toma a por instantes a atenção: correndo rápida, a água sussurrante do riacho lava os cabelos em desordem da mulher morta. E um filete de sangue, saindo do nariz afilado e

lívido, empasta-lhe de terra os lábios, desce pelo queixo... A um sinal, os outros correm em atropelo, como que adivinhando. Apesar da curiosidade, a presença da morte impõe um certo respeito: aqueles rostos consideram calados. Que era bem moça, observava, baixo, um deles; outro acrescenta que não era feia... A impressão vai-se aos poucos desfazendo; um terceiro fala em suicídio, outro sugere arrastar o corpo para o seco, mas o homem de chapéu de palha adverte que não, pode trazer complicações com a autoridade.

Nisto, pancadas vibrantes de ferro, em cima na estrada, anunciam a hora do trabalho. Os homens apressam-se em subir. E a impressão da presença da morte vai-se desfazendo de todo. Ao chegarem em cima, alguns já fazem graça, referem-se ao fato como um acontecimento sem importância, longínquo...

E ali fica, à espera, o corpo arroxeadado e rígido da mulher. Vinte anos fixados para sempre. No bolso da blusa, meio sujo de limo, pode-se ver a primeira letra de seu nome, um gracioso S... Amanhã a família mandará talvez gravar o nome inteiro sobre o túmulo: SILENE.

Um nome sobre uma lápide! Será tudo o que resta por fim de uma vida ? Ou isto não foi senão um começo, a inevitável passagem ? Silene morta parece apenas sorrir sobrenaturalmente. E àquela hora são ainda tão débeis tão frouxos os raios de sol, que, na meia sombra das árvores, Silene, de novo menina, dá a impressão de dormir um branco sono sem sonhos... É como se tivesse tido enfim a revelação de tudo o que outrora tão incansavelmente procurava; é como se, virgem imprudente, encontrasse em uma volta do caminho o noivo, e com ele entrasse a festejar as suas núpcias... Aquele iluminado sorriso de quem contemplasse a Verdade primeira e absoluta face a face! Terminou a luta, ela é que é trágica, não o fim, parece uma estranha presença dizer em torno dela... Que misterioso silêncio a envolve !"

"- E, desde então... Há momentos em que eu próprio já nem sei se Silene é real ou reminiscência de sonho... Na quietude de certas horas, porém, Silene vem a mim tão de manso que basta eu voltar a cabeça para percebê-la. Silene! Ah, o sortilégio de sua pálida face de lua!"

Sentou-se; e, pousando bruscamente a cabeça sobre a mesa ouviram-no soluçar. Então os que o ouviam compreenderam que naquele fantástico relato havia alguma coisa mais que um simples capricho de imaginação, e não ousaram interrogá-lo.

Já a madrugada se anunciava nas vidraças da sala. Aquela hora tão ansiosa, tão longamente esperada, chegava enfim como uma benção... A caminho ! Ergueram-se todos prontamente; e, entreolharam-se num momento em silêncio, partiram à aventura, para o desconhecido, sob a tímida claridade da aurora...

CASO DO BROCHE

JOSÉ DOS SANTOS, *garçom* do café 24 de Outubro, para os lados da Tijuca, ia entrando no elevador com a bandeja na mão, quando seus olhos surpreenderam qualquer coisa debaixo da banquetta do ascensorista. Abaixou-se com jeito e, num movimento rápido, fechou na mão o pequeno objeto. O rapaz do elevador quis saber o que era. Disfarçou; não era nada.

– Eu vi você guardar uma coisa no bolso.

– Não estou lhe dizendo que não é nada ? respondeu de má sombra, para pôr o outro à distância.

Realmente, José dos Santos não vira direito o objeto, mas adivinhara pelo tato; uma joia. Que espécie de joia seria? Uma medalha? Um broche? De qualquer forma, devia ser cravejada de pedras, pois sentira-as, e umas mais salientes que outras. Muitas. Brilhantes? Diamantes? Qual a diferença entre brilhante e diamante? Qual valeria mais? Quando tinha quinze anos estivera para trabalhar numa oficina de lapidação. Mas fora por essa época que o pai havia sido recolhido ao Hospício, a mãe e a irmã haviam-se empregado na fábrica de calçado, e o padrinho, de passagem por São Fidélis, trouxera-o para o Rio. Bem, “seu” Salomão, comprador de ouro velho, lhe diria. É claro, não seria tolo de mostrar-lhe a joia. Indagaria como se tratasse de um terceiro. Fácil. Mas sim senhor, que sorte a sua! Quanto podia valer ? Quinhentos cruzeiros ? Ora, quinhentos! Jóias valem muito. Não diziam que a mulher do doutor Neiva, em São Fidélis, tinha um colar de pérolas no valor de vinte mil cruzeiros? Aquele broche valia uns dois mil. Só? Três mil. Ou quem sabe se quatro? Com brilhantes (ou diamantes), talvez até mais. Bem, cinco; cinco mil cruzeiros, nada menos. CINCO MIL CRUZEIROS. Esta fantástica quantia cresceu de súbito a seus olhos. Pronto, estava feito para o resto da vida; tinha nas mãos a própria independência. “Seu” Ramalho havia de ver agora; que viesse com a estupidez de sempre, aquele unha de fome!

Quando voltou de servir o café pelas salas dos escritórios, já a sua comoção era menor; ou antes, conseguira dominar-se, pois complexo era o que se passava em seu íntimo. Em verdade , no breve espaço de minutos, José dos Santos conhecera as mais descontroladas emoções. Primeiro fora o indescritível choque da surpresa; passado este, assaltara-o a ideia de que *todos já sabiam* do fato, que talvez fosse mesmo uma cilada que lhe estavam armando... Já agora, descendo pela escada para evitar o ascensorista, uma ideia terrível lhe veio à lembrança. Tanta alegria, tantos planos, e se fosse uma coisa sem valor, uma dessas fantasias de loja americana?

O coração aos saltos, José dos Santos pousou a bandeja na copa e correu para os fundos da casa. Um raio oblíquo de sol, penetrando pela vidraça roxa de uma janela, no alto, transfigurou em suas mãos trêmulas um pequeno leque cravejado de pedras. Imbecil. Que fantasia! Acaso podia tratar-se de fantasia uma joia daquelas? Passava o broche de uma para outra mão. E pesado! Sim senhor, pesadíssimo! Não se enganara portanto, achara de fato uma joia de valor. Apenas valia era mais que cinco mil cruzeiros, como supusera. Aquilo era joia para uns dez mil, por aí. E aos olhos de sua ambição, sonoramente, moedas e cédulas de mistura começaram a derramar-se de uma cornucópia invisível, não sobre o balcão da casa lotérica, como ela via todos os dias no cartaz, mas sobre suas mãos, sobre suas trêmulas mãos.

– Zé! Ó Zé!

A voz gritada do patrão veio arrancá-lo desta orgia imaginária, recolocando-o na mesma realidade. Fregueses exigiam a um tempo que os servissem.

– Ó rapaz, precisas andar mais ativo, insistiu ainda “seu” Ramalho.

Teve de ouvir mais esta observação em silêncio; intimamente, consolou-se com o pensamento de que podia ser a última. Se quisesse, podia despedir-se no mesmo instante, deixá-lo na mão. Mas não, não faria isso. Precisava não perder a cabeça, conduzir-se com prudência. E para certificar-se de que tinha o broche, apalpou-o no bolso. Sim, estava ali, estava bem seguro.

Não tardaram a surgir no café os frequentadores de todas as tardes. “Seu” Salomão não apareceu; mas que importava o velho judeu ou quem que fosse ao *garçom* do café 24 de Outubro naquela tarde? Agora José dos Santos só pensava numa coisa: ver chegar as seis horas para passar o serviço. Os ponteiros avançam lentos e lentos para a sua impaciência; ainda assim avançavam. E como naquele dia acordara decerto de pé direito, o companheiro apareceu quinze minutos antes da hora.

Habitualmente, ao deixar o serviço, José dos Santos seguia para a pensão. Mas as comoções por que passara tiravam-lhe o apetite naquela tarde. Sem saber o que fazer, saiu andando à toa pela rua. Um sentimento de euforia e segurança dominava-o agora inteiramente. Não reparava em pessoas nem coisas; impelidas por uma força irresistível, mecânica, as pernas levavam-no sempre para a frente... Alcançou o Alto da Boa Vista, tomou pela estrada das Furnas da Tijuca, só dando conta de si na Avenida Niemeyer. Cansado, resolveu sentar-se na amurada; uma luz vermelha movimentava-se ligeira na superfície do mar, que cintilava reflexos... Era uma lancha. Lá ia... Pronto, sumira-se. José dos Santos deixou-se ficar, inconscientemente influenciado pela atmosfera cheia de mistério da hora e do lugar. Como tudo era estranho! Por que existiam o mundo, as pessoas, ele, José dos Santos? Desde menino tinha aquelas ideias esquisitas... Será que os outros pensavam naquelas coisas? E aquilo de ficar parado, olhando para um lugar, depois fechar os olhos devagarinho, devagarinho, e ir imaginando que não havia nada, nada nada... Alice dissera-lhe uma vez que também gostava de fazer o mesmo. Alice.

Depois que haviam rompido, não soubera mais notícias dela. Teria mesmo casado com o filho do doutor Neiva? Interesseira, ingrata, fora por causa daquele tipo que o deixara... No entanto namoravam-se desde o tempo do "Grupo Escolar". Eram assim, as mulheres. Mas quem sabe se não haviam chegado a casar? E se voltasse a São Fidélis... se a procurasse, por que não? Aliás, que o impedia agora? Vendia o broche e com o dinheiro... DEZ MIL CRUZEIROS! Dizer que ele, um simples *garçom*, um João-ninguém, estava ali com aquela fortuna no bolso. Pois bem, vendia o broche, fazia uns ternos, calçava-se, enfim, arrumava-se decentemente e desembarcava em São Fidélis sem avisar ninguém. Procuraria Alice no mesmo dia. E se ela aceitasse, casavam-se dentro de uma semana e abria um pequeno café na cidade. Tinha a vida arrumada de vez. Ah, tiraria a mãe da fábrica, coitada da velha. A irmã podia continuar... Ganhava assim para ela, viveria independente. Ou então que se casasse. Um problema difícil: como vender o broche? Realmente, como vendê-lo? Se o prendessem! Se o prendessem como ladrão! José dos Santos ficou pensativo alguns instantes; lá se iam os seus planos. Meter um terceiro naquilo? Dava no mesmo, prendiam ambos. Fez um gesto decidido: Ora, muito fácil. Despedia-se da casa, e viajava para São Paulo. Sim, estava resolvido, venderia o broche em São Paulo. Talvez ali encontrasse até melhor preço. Talvez não, isso era coisa mais que certa. São Paulo não era cidade como o Rio, aparências e nada mais; lugar de gente ativa, trabalhadora. O dinheiro ali corria. Afinal não havia dúvida de que as coisas estavam muito bem feitas neste mundo. Sacrifícios obscuros de anos, mas um dia... um dia chegava enfim a grande oportunidade. Como a vida era bela!

A derrapagem violenta de um automóvel perto dele advertiu-o da situação. Era preciso ir-se embora! Para voltar ficava muito distante; conhecia o caminho, decidiu seguir adiante. Rompendo a passo largo, receoso de que o assaltassem nalguma curva da estrada deserta e escura, depressa chegou ao pequeno largo do Hotel Leblon. Como um garoto passasse anunciando as folhas do dia, chamou-o. É que se lembrara de repente que talvez a dona do broche anunciasse no jornal e teve curiosidade.

De fato, junto a um anúncio de salitre do Chile, lia-se:

Joia Perdida

Hoje, entre 12 e 17 horas, no trajeto Tijuca-Ipanema, perdeu-se um broche de platina, em forma de leque, cravejado de brilhantes. Trata-se de objeto de estimação, pelo que gratifica-se generosamente a quem o entregar. Chamar Madame Mary, pelo telefone...

Não havia dúvida, era o broche que ele achara. E as pedras então eram brilhantes! Madame Mary. Pelo nome devia ser inglesa; havia uma freguesa do café com o mesmo nome, aliás feíssima. Esta outra seria bonita? Madame Mary. Casada ou solteira? Mas o quê? Será que estava disposto a entregar-lhe o broche? Gratificava generosamente. Pois sim, conhecia essa espécie de gente. Era até capaz de mandar prendê-lo como ladrão. Depois, se o perdesse, é porque tinha mais do que ele, e o marido (ou amante) que lhe desse outro. Não o achara? Aquele era dele, ninguém lho tiraria.

Um ônibus ia partir; José dos Santos meteu-se nele, em pouco estava na cidade. Pareceu-lhe porém arriscado andar pelo centro com a joia, e tratou de recolher-se à pensão. Batia uma hora da manhã no relógio da sala quando ele chegava. A luz do quarto estava acesa; era o companheiro arrumando os objetos numa mala de mão. Apesar de morarem juntos havia cerca de um ano. José dos Santos não trocava senão as palavras indispensáveis com o companheiro. Este era um rapaz do Norte, extranumerário de um ministério; chamava-se Samuel e era jogador inveterado dos cassinos. Estava de costas, e de costas respondeu ao boa-noite que o outro lhe dava. Mas José dos Santos sentiu de súbito uma grande necessidade de contato humano e, enquanto tirava o paletó, acrescentou:

- Em arrumação a esta hora, Samuel?
- Estou de partida.
- Para onde? Definitiva?
- Para São Paulo, e três meses só.
- Ah !

Houve uma pausa. José dos Santos estirou-se na cama.

- Quer vir comigo? fez Samuel num tom indiferente.
- Está aí uma ideia até... interessante.
- Pois é, largar esse emprego de *garçom*. Isso não é meio de vida. Em São Paulo você pode arranjar coisa muito melhor.
- Você acha?

– Ora, meu caro. São Paulo é outra coisa que não o Rio.

Era o que José dos Santos também pensava. Levantou-se resolutamente:

- A que horas sai o trem, Samuel?
- Às seis e quarenta. Resolveu ir?

Resolvera; e, animado, pôs-se imediatamente a arrumar a escassa bagagem, ao mesmo tempo que acertavam detalhes sobre a viagem. Não demoraram a dar por acabado este trabalho; apagaram a luz e deixaram-se ficar conversando deitados. Enquanto o outro contava como perdera no jogo metade do último ordenado. José dos Santos considerou. “Bom sujeito este Samuel. Jogador, sempre sem dinheiro, mas no íntimo bom camarada. Vou confiar-lhe meu achado de hoje, que diabo”.

- Perdi porque fui mudar de jogo, compreende? concluiu o outro.
- É, dizem que não se deve mudar... Quer saber de uma coisa, Samuel?

O companheiro disse que falasse.

– Achei um broche hoje. Coisa de valor.

A notícia despertou o interesse que José dos Santos esperava. Samuel quis ver a joia. Acenderam a luz, ele tirou-a de sob o travesseiro. O quê! E tomando-a nas mãos, Samuel comentou numa exclamação obscena a sorte do outro. José dos Santos pediu-lhe que avaliasse quanto podia arranjar com aquilo.

– Eu faria a minha independência.

José dos Santos arregalou os olhos. O outro explicou-se. Por que não ganhara nada até aquele dia? Muito simples: por não ter nunca um capital forte para aumentar as rodadas. Se o broche fosse dele, iria naquele momento mesmo vendê-lo a certa pessoa e rumaria direto para o cassino. Antes do sol nascer tinha que estar rico!

José dos Santos esperava outra coisa; cortou as asas da imaginação de Samuel. Nada, jogo nunca melhorara a vida de ninguém, ao contrário. O plano dele era outro. Vender o broche, sim, mas com o dinheiro tentar qualquer coisa de seguro. Estava ali a principal razão que o levava a São Paulo. Samuel compreendeu que nunca se entenderia com o bom-senso do outro; entregou-lhe a joia em silêncio. E como deviam acordar cedo, trataram de apagar a luz e deitaram-se.

A inesperada notícia do broche tirou entretanto o sono de Samuel. Não aconteceu o mesmo a José dos Santos que, sem jantar, exausto da caminhada, esgotado pelas emoções por que passara naquele fim de dia, mal fechou os olhos adormeceu pesadamente.

– Quem acordar primeiro chama o outro, ouviu, Zé dos Santos?

Como o outro não lhe desse resposta, levantou-se devagar e...

Uma intensa claridade de verão carioca penetrava pelas vidraças, iluminando cruamente os trastes do quarto pobre. José dos Santos deu um salto da cama. Onde estava? Que horas eram? Chegou até a porta. Aos seus ouvidos chegou um diálogo confuso. Percebeu que era a dona da pensão discutindo com o açougueiro. Podia levar a carne de volta, Que não lhe interessava mais àquela hora. Onde se vira receber carne às onze horas do dia numa pensão! Onze horas! José dos Santos teve uma estremeção, num relance advertiu: Samuel levantara-se cedo, levando-lhe o broche! Desesperado, cego, não se lembrou de procurá-lo no cassino, nem indagar por ele a ninguém; em camisa como estava correu à estação. Quem sabe se ainda o pegaria. Oh, para que fora contar, para que fora confiar aos outros o segredo! Se não o encontrasse, que seria dele?

Informando-se, disseram-lhe que o paulista saíra atrasado. Teve uma esperança absurda – quem sabe se ainda não partira! Aproximou-se da plataforma. Somente trens elétricos, que ele sabia serem os dos subúrbios. Não, não podia ser, qualquer coisa lhe dizia que Samuel não embarcara. Um

homem de boné, a quem se dirigiu, esclareceu-lhe que o paulista partira na hora, seis e quarenta. O que saíra atrasado, e muito, fora o mineiro.

– O mineiro, é ? perguntou idiotamente José dos Santos.

– O senhor está se sentindo mal? fez o homem de boné com solicitude.

Como o desconhecido lhe desse uma gargalhada na cara, o homem de boné afastou-se ofendido. “Sujeito imbecil!”

Não havia dado meia dúzia de passos, quando José dos Santos, atirando os braços para o alto, se pôs a bradar:

– O broche ! O broche ! O broche !

Um guarda se aproximou. Como o desconhecido continuasse a gritar, segurou-o violentamente pelo braço.

– Que é que há? Que é que há ?

Curiosos detiveram o passo. José dos Santos transpirava; os cabelos caíam-lhe empastados na testa, tinha as feições desvairadas.

– O broche! O broche! O broche! não cessava de gritar.

O guarda sacudiu-o para que se calasse. Que broche? Que história de broche era aquela? Fora roubado? Perdera algum broche? Mas o preso não se explicava, limitava-se a gritar e cada vez mais alto. Os curiosos agora eram em grande número. Um senhor bem vestido achou que se devia acabar com aquilo, protestando energicamente contra a falta de iniciativa do guarda. Por que não chamava logo o carro?

– Pois é o que eu queria fazer, “seu” doutor, mas quem é que segura o homem?

O senhor bem vestido disse que esperasse; ele próprio ia telefonar. O preso, gritando sempre, procurava desprender-se das mãos do guarda dando puxões violentos. Os curiosos discutiam. Mas afinal, era louco, era algum vagabundo?

Chegou enfim o carro fechado; a custo meteram o preso dentro, bateram a porta, e partiu, levando José dos Santos, obscuro garçom do café 24 de Outubro, enquanto o grupo se foi dispersando.

Dois senhores que chegavam atrasados comentaram:

– É capaz de ser algum punquista apanhado em flagrante...

– Com toda certeza, concordou o outro. Esses tipos são uns sabidos. Quando a polícia lhe põe a mão em cima fingem-se de loucos. Uns sabidos.

E, muito satisfeitos de suas pessoas, saíram andando.

Para Antonio da Nova Monteiro.

UM MARIDO ou A MARIPOSA E A CHAMA

A CARTA, em papel comum azul, era datilografada e dizia:

"Gondim,

*Não me compete zelar pela moralidade pública, nem eu aliás
tenho jeito para tal. Sou porém seu amigo e vejo-me
diante da dolorosa obrigação de o advertir: Doralice não lhe é
fiel. Ocioso entrar em minúcias, explicar como o soube,
provar-lho. Não perca de sua parte a cabeça, siga-a, e os fatos
falarão por si mesmos.*

Um amigo sincero"

Era no ônibus, de volta do serviço, à tarde, que Armando Gondim lia isto. Talvez não seja de todo inútil apresentá-lo. É um belo rapaz de vinte e nove anos, espadaúdo e moreno... Não, não imagine por isso um brutamontes. Se é alto e forte, é que praticou natação e remo na época das primeiras conquistas (não era audacioso, mas teve algumas). Para completar este ligeiro esboço, acrescentarei que os colegas de repartição – talvez devido a certa calma imperturbável que põe nos menores gestos – o chamam de "boa vida"; e Armando Gondim, Gondim para os conhecidos e amigos, é Mandinho na intimidade.

Quanto à carta que tem agora nas mãos, recebeu-a pela manhã. Sem saber por que, acordou particularmente satisfeito nesse dia; saltou cedo da cama, esteve a manhã inteira repintando o viveiro dos canários, depois trancou-se no banheiro onde, cantarolando trechos de rádio, se barbeou, etc, e estava dando o laço à gravata quando a mulher o chamou. Era o almoço que fumegava sobre a mesa. Almoçaram juntos, calados sim, mas felizes na medida em que casados de três para quatro anos o podem ser, e, cena de todos os dias: Doralice veio trazê-lo ao portão. Estiveram ali dois minutos, ele recomendando-lhe o viveiro dos canários, ela a ajeitar-lhe o laço da gravata, muito amorosos e ternos. Mas era tempo. Beijaram-se, ele lhe disse adeus. "– Bye, bye, meu bem!" fez ela. Quando chegou à esquina, voltou-se para o

adeusinho de longe. Doralice acenou-lhe, o vestido estampado sumiu-se entre o verde do *figueira*...

Fora então que ele e o carteiro quase se haviam chocado. Armando Gondim pediu-lhe desculpas, o outro disse que trazia uma carta para ele, entregou-lha. Seu primeiro gesto foi abri-la; como o ônibus se aproximasse, meteu-a no bolso, deu uma corrida. Leria sentado. Esquisito, não recebia cartas, de quem seria ? No ônibus encontrou o amigo Rosendo, colega de Ministério e como ele criador de canários. Entraram a conversar. Quando saltaram, havia esquecido a carta; não se lembrou dela senão agora.

Leu-a; um calor subiu-lhe ao rosto, esquentaram-se-lhe as orelhas, as mãos começaram a tremer. Que era aquilo ? Não, não era possível, estava sonhando! Tão espontânea (e compreende-se), havia sido a emoção, que teve receio de haver falado alto. Voltou-se para o companheiro de viagem, encarou-o entre espantado e encabulado. O sujeito – um velhote de ar patusco e muitos embrulhos – sorriu-lhe, fez um comentário sobre o calor. Era do Sul, vivia cerca de vinte e cinco anos no Rio, mas qual!, não habituara ainda, não se habituaria nunca ao clima carioca. O amigo era carioca ?

Armando Gondim não lhe deu resposta, mentalmente despejou contra o homem todo um dicionário de nomes bonitos. Velho imbecil, etc. etc, acaso se conheciam para vir com aquelas intimidades com ele ? Desdobrou de novo a carta, releu-a, detendo-se agora no sentido de cada palavra. Ei-lo abanando a cabeça: “– Sim senhor, sim senhor, quem diria que Dora, a “sua” Dora... E “ele”, quem seria “ele” ?

Do lugar onde estava, viu o rosto no espelho do ônibus. Com receio de alguma surpresa desagradável na fisionomia, desviou rápido os olhos. Com mais cuidado ainda evitou intimamente a palavra que aquela ideia lhe sugeria. O que não pôde evitar... Não, não sorria, meu caro, que esse lance da história é grave. O que não pôde evitar, repito, foi que uma lágrima – furtiva, mas lágrima de concentrado ódio irracional – lhe descesse pela face. Já se comentaria alguma coisa ? Quem poderia ser aquele “um amigo sincero” ? Lembrou-se da possibilidade de uma brincadeira, de mau gosto, sem dúvida, nas brincadeira, porém essa ideia foi-se com a mesma rapidez com que se apresentou... Ah, saberia portar-se à altura das circunstâncias, que não era, nunca seria um marido igual à maioria! Isto é que não! Isso é que não! Lavaria em sangue a sua desonra, seria cruel... cruel como Otelo! Gostou da comparação, que lhe pareceu sobretudo exata, deleitou-se um momento a repisar: sim, como Otelo!

Afinal, considerou, ela seguia as pegadas da mãe... (murmuravam-se coisas a respeito dessa senhora). E quanto a ele, pagava a própria obstinação. Tanto que os parentes se haviam oposto àquele casamento! “– Meu filho”, palavras de uma tia experiente às vésperas do casamento, “olhe o passo que você vai dar. Essa menina... Veja o exemplo da mãe, Mandinho!” Armando Gondim andava saturado de conselhos e para escandalizar a tia: “– Pois é por isso

mesmo que eu gosto de Dora, está ouvindo ?” Como haviam agora de se regozijar! E os colegas do Ministério, e os vizinhos, os amigos! Teriam risinhos perversos à socapa, apelidos, algum mais ousado quem sabe até se ... Ordinária! Mas suas horas estavam contadas e bem contadas. Ao entrar em casa faria um sinal para a empregada não avisar à mulher de sua chegada, iria ao escritório, tiraria do estojo a pistola e: “– Dora, ó Dora!” Ela acudiria ao chamado, cantarolando talvez, como era hábito seu. Não diria uma palavra, nada. Apontaria a arma e... tudo se passaria num abrir e fechar de olhos. A seguir iria ao telefone, discaria para a polícia, e ficaria à espera, fumando. Era verdade, estava sem cigarros. Bem, ao descer do ônibus entraria no bar.

Mas a essa altura um pensamento ricocheteou no espírito de Armando Gondim: Soninha. Pobre criança! Com o tempo tornar-se-ia moça e, por mais que lhe ocultassem, que lhe mentissem, um dia fatalmente viria a saber a verdade. Pobre, inocente criança! Não, aquela miserável não merecia o sacrifício de duas vidas. O desquite. Sim, castigá-la severamente com o desquite, para que tragédias ? O desquite! Que era preciso para isso? Provas, simplesmente. Pois bem, guardaria silêncio, seguir-lhe-ia os passos... O Pedrosa, é verdade. Nada mais fácil. O amigo Pedrosa defenderia a causa. Nas mãos dele em dois meses, talvez nem isso, o processo estaria liquidado. Ah, o processo, a sua vitória, a sua grande vitória! Havia de ser completo. O processo. Por último, para vergonha dela, viria tudo a público no *Diário Oficial*. Era um direito seu, como se desfarraria!

O ônibus rodava dentro da tarde quente e Armando Gondim sentia-se menos inquieto, e pouco a pouco mais senhor de si. Agora que o plano estava assente, a execução afigurava-se-lhe a coisa mais simples do mundo... Lembrou-se mesmo de um escândalo semelhante, em São Paulo, (São Paulo ou Minas, já não sabia ao certo), mas em suma um caso em que a curiosidade pública esgotara toda uma tiragem extraordinária da folha oficial, e sorriu. Se eu ajuntar que sorriu com satisfação, e não apenas pela vergonha infligida à mulher, mas ainda por outro motivo, talvez não me diga, todavia pense lá com os seus botões: “– Que exagero!” Ou então: “– Que pulha, esse marido! Serão amigos ?”

No entanto, assim foi. Olhe, já agora não me importa o conceito que venha a fazer de mim, eu vou confiar-lhe a verdade inteira. Armando Gondim sorriu, repito: e embora discreto, não estava ausente desse sorriso um certo, nem sei como me expressar, um certo sutil prazer que era o de ver seu nome na ordem do dia e o resto... Evidentemente isso não lhe embeleza o caráter, ao contrário, mas que quer, são assim os homens, é assim a complexa natureza humana. Eu, em menino (e não era para imitar Santo Agostinho), também furtei peras. E havia em casa uma pereira, um pomar inteiro delas. Que buscavam os meus onze anos nas peras mirradas do nosso vizinho ?

Enfim o ônibus parou; Armando Gondim morava ao fim da linha, saltou, seguiu direto para casa. “– Como são as coisas !” remoía ele, “quem diria que

aquela quarta-feira de fevereiro, tão próximo de mais um ano de casado..." Não completou esta reflexão, pois uma nova maneira de encarar a situação tomou em seu espírito o lugar daquela. "E se pusesse a mulher em interrogatório ?" Mas esse esboço de pensamento não teve melhor sorte.

Estava na sala. A empregada não o pressentiu; ele, pelo ruído que vinha de dentro, advertiu-lhe a presença na cozinha. E a mulher? O canário na gaiola à janela da sala, reconhecendo-o, pôs-se a saltar no poleiro, a cantar. Armando Gondim deteve-se a ouvi-lo, enternecido. Era o seu melhor canário! Mas ela? Teria saído? Quem sabe... Deu uma olhadela para os fundos: a porta do banheiro estava fechada. Compreendeu que a mulher se encontrava ali, preparava-se. Quis certificar-se: "– Dora?"

"– Você, meu bem ?" e gritou-lhe que era um instante, só um instante.

Refletindo que agora era preciso sobretudo não se precipitar, calmamente retirou a carta do paletó, pousando-o com cuidado no espaldar de uma cadeira. Ao sentar-se numa poltrona reparou, no quarto, em Soninha adormecida no berço. Pensou em ir beijá-la, mas teve receio de acordá-la, deixou-se ficar.

"Alô, Mandinho!" Era Doralice que entrava úmida e fresca como uma flor aquática, no seu roupão vermelho, uma toalha amarrada à cabeça, os cabelos apanhados para o alto pondo-lhe à mostra a nuca rosada e penugenta. Bonita ? Depende. Talvez dentro de seu tipo, sim. Loura, mais baixa que alta, gestos vivos e nervosos. Vinte e três anos por fazer. Em duas palavras: era antes uma beleza feita de tecidos bem nutridos, compreende, não ? que espiritual.

Armando Gondim franziu o sobreceixo, tomou um ar sombrio, murmurando-lhe que se sentasse. Ela apenas se aproximou "– Que é, meu bem?" Contra a vontade, ele aspirou aquele cheiro de sabonete que rescendia ativo do corpo da mulher. "– Que é, que bicho mordeu você ?

Armando Gondim repetiu que se sentasse, que tinha uma coisa (frisou bem estas palavras), uma coisa muito séria a dizer-lhe. Doralice não se sentou na poltrona, mas nos joelhos dele; deu-lhe um beijo e tomando-lhe as mãos: "– Já sei de tudo que se trata, meu bem!" Ele encarou-a interrogativo. Não, não arregale também os olhos, meu caro. Em resumo, feito aliás por ela própria, a coisa era simples e explicava-se assim. Há cerca de um mês, um certo Roberto, primeiro namorado dela, como Mandinho não ignorava, e que vivia no Espírito Santo, viera ao Rio. Viagem de negócios. Um belo dia, ela recebe um telefonema. Sim, era ele. Naturalmente, tratara-o com delicadeza, até lhe indagara pela irmã, etc. Mas no dia seguinte, novo telefonema. Ela percebera as intenções e desta vez tratara-o friamente. Nem assim desistira, pois nesse mesmo dia, à tarde, voltara de novo. Então indignada, Doralice ameaçara-o com uma denúncia ao marido. Roberto, decerto despeitado (fora isto exatamente há três dias), dissera-lhe com o maior cinismo: "– Pois quem fará a denúncia serei eu, ouviu ?" Qual, incrível como se podia ser tão infame,

não era verdade? Nunca imaginara que ele fosse, de fato, capaz de praticar tal indignidade. Tinha ali a carta ? Que lhe desse. Armando Gondim estendeu a carta em silêncio à mulher. Doralice correu os olhos curiosa pela folha; depois teve um sorrisinho e com um gesto de desprezo atirou-a sobre a poltrona.

Armando Gondim quis ainda algumas explicações; Doralice deu-lhas, e mais com os lábios que com palavras... Afinal de que valem palavras, pois não é ? E como lhe sussurrasse ao ouvido que era preciso agora dar uma lição em regra ao patife, ela deu-lhe um leve tabefe no rosto: “– Ora, meu bem, deixe-se de tolices!” E por que a sua Dorinha não lhe havia contado nada, hein ?” Ela sorriu. Justamente por isso, conhecia-lhe o gênio, sabia quanto a amava e do que não seria capaz, etc.

Vejo-lhe uma pergunta na ponta da língua: “– Mas afinal...” Não sei, meu caro. Aliás isso nada acrescenta ao interesse do caso. Nem me diga que Armando Gondim se deixou convencer facilmente. se é que... Sei lá, lógica de marido. Nunca leu Einstein ?

Convicto, pois da fidelidade da mulher, já agora serenado e feliz com esta certeza. Armando Gondim... “– Oh, meu bem, assim não, assim não!” É que a toalha caía-lhe da cabeça. E defendeu-se da voracidade cheia de gratidão, mas inoportuna, do marido: “– Maria, ó Maria, o jantar está pronto ?” gritou ela para o interior. Como a empregada não desse nenhum sinal de vida, levantou-se. Era só um instante. Ele viu-a sair ondulado os quadris, conjugal e desejável, no seu roupão vermelho, e ficou a lembrá-la com doçura, longamente.

De novo se põe a sorrir ? Ah, meu caro, bem vejo que não passa, como tantos outros, de um frio observador do coração humano. Então a tragédia, reduzida a drama, termina agora em comédia ? leio em seus olhos irônicos. Meu amigo, eu nunca soube a diferença dos gêneros; depois isto não é teatro, é vida. Guarda lá o seu fino sorriso e ouça-me.

Armando Gondim foi debruçar-se à janela. O canário, alheio a tudo isso, continuava a cantar, agora sobre a cabeça do dono. Eis o que se passava dentro dela: – Ora, ora, e ele a admitir aquilo contra a mulher. Não ver logo o absurdo! Como se Dora, a “sua” meiga e doce Dorinha fosse capaz de tal coisa. Com que superioridade enfrentara a situação, com que simplicidade lhe contara tudo! Tão boa, nem se mostrara ofendida, como era natural, uma vez que...

Voltou à poltrona, apanhou a carta que havia ficado ali, rasgou-a; atirava pela janela os pedaços, quando a voz de Doralice, de dentro, chamou por ele para jantar. “– Venha logo Mandinho!” Ele dirigiu-se ao interior da casa, mas nos poucos passos que fez... É melhor citar-lhe o pensamento, não pareça esteja eu querendo interferir para forçar a nota. Foi assim: “– Ora, ora, pois se... sim, pois se me perseguem a mulher... Também Doralice podia, que diabo... Não resta dúvida, os seus braços, aquele sinalzinho... o seu doce arrulhar de pomba...”

Chegou-se a ela pelas costas: “– Dora, você jura, então ?” Doralice agastou-se, e num tom repreensivo: “– Meu bem !” Isto equivalia ao juramento pedido: então – incompreensível, indevassável mistério ! – Armando Gondim sentou-se à mesa com o sobrecenho franzido e uma profunda, amarga expressão de descontentamento na fisionomia...

Certa vez, em viagem, contei e não sem pretensões, esta história a um amigo que, como o velho Stendhal, se gabava de ser “um observador do coração humano”.

“– Sua historieta, meu caro, respondeu ele ajeitando os óculos depois de ter me ouvido calado, “não é tão original como você talvez acredite...” Eu, um tanto picado com a observação, pedi-lhe se explicasse. Mas o meu amigo pôs-se a rir com aquela larga franqueza muito dele e nada acrescentou. Para fazê-lo falar, pensei em dizer-lhe que punha em dúvida a perspicácia de sua aguda inteligência, todavia, não sei porque, guardei silêncio.

Instantes depois, ele tocava-me no braço para que reparasse – viajávamos de trem, era noite velha – como as mariposas dançavam doidamente em torno da luz. “– Que bichinhos singulares, não é mesmo ? Veja com que volúpia procuram o perigo!”

Que queria dizer aquilo ? Ainda se referia à nossa conversa de há pouco ? Confesso que nem naquela noite nem depois logrei compreender a relação, se é que havia, entre uma coisa e outra. Apenas a imagem das mariposas e da chama... Eis a origem do subtítulo desta narrativa. A mariposa e a chama! Não há negar, é poético; pode não ter sentido aqui (questão aliás a discutir), mas é poético e não soa mal. Não precisava ter dito que não era meu!

RETRATO DA MOÇA DE VERDE

" Beleza é Verdade, Verdade é Beleza",
— eis tudo o que sabeis sobre a terra,
e tudo o que importa saber".

JOHN KEATS, *Ode a uma urna grega*.

-A ARTE é intuição e o artista um visionário, afirmou cheio de convicção um dos rapazes.

Eram sete, todos artistas ou amadores, e naquele domingo encontravam-se reunidos em casa de um amigo comum. Já se havia falado sobre os mais diferentes assuntos, quando a conversação descambou para este ponto.

— Que intuição nem visionário, velho lugar-comum romântico! replicou-lhe outro, não sem menor convicção. Arte é consciência e todo artista um lógico.

O tema realmente era de seduzir; a conversação, que ia morrendo, animou-se subitamente, dali a um instante transformara-se em apaixonado debate. E acabaram formando-se dois grupos: três eram pela intuição, três outros pela consciência, em arte. Um deles — precisamente o sétimo, um pintor — que se deixara estar ouvindo em silêncio, notou essa simetria, chamando a atenção para ela.

— Pois sim, mas você, qual a sua opinião? perguntou-lhe um dos partidários da intuição.

— Nenhuma.

— Nenhuma? Então por que caminhos chegou a pintar o seu último quadro, aquele singular "Retrato da moça de verde"? objetou-lhe um lógico.

Apesar de moços, ou talvez por isso, e inteligentes, não havia entre eles lugar para a ironia; e se o interrogado teve aqui um sorriso, é de crer que fosse apenas por achar ociosas aquelas indagações de caráter abstrato. Com efeito, repetiu, se fora guiado pela intuição ou pela inteligência na realização daquele retrato em que, apesar de "cortado" pelo júri oficial, boa parte da crítica e os amigos haviam identificado uma obra prima, ignorava-o. De resto aquele trabalho, fonte de intensa alegria para ele durante a criação, já agora não o satisfazia. Ao contrário, em certos momentos sentia horror (frisou a palavra), um profundo horror dele. Se tivesse de o refazer... Curioso, reparava agora uma coisa que lhe havia passado por despercebido: seria capaz de reconstituir sem esforço, não só o conjunto, mas ainda cada detalhe do

movimento gradual de execução. Era verdade que aquilo em nada, ou talvez em muito pouco, poderia interessar aos outros, nem vinham ao caso...

– Absolutamente, interromperam-no dois ou três a um tempo, interessa e muito.

– Pois bem, continuo depois de uma pausa, se é assim,,, Ou antes, deixem-me começar pelo princípio. Ia em três meses, senão mais, que em verdade não fazia nada. Não quer dizer que não o tentasse, pois nada de uma semana sem fazer coisa alguma (de onde me convenci da origem em última análise não-intelectual da criação), é o bastante para me levar a um verdadeiro estado de angústia. Tentava-o, mas não conseguia nada. Iam-se os dias passando nesta luta, quando certa vez, voltando ao amanhecer para casa, e mais do que nunca desgostoso por ter de assistir à fuga sem remédio de tantas horas, considerando com amarga resignação que era preciso aprender a perdê-las, pois que nem todas nos pertencem, acabei concluindo que no fundo talvez não se tratasse de nada disso, mas da minha falta de vontade para a arte. Não era a primeira vez que esta ideia me possuía, nunca porém eu a sentira com tão aguda e dolorosa consciência. Sim, a minha falta de vocação, eis tudo. Por que tentava iludir-me? Impossível que numa verdadeira vocação se passassem aquelas lutas. Quanto tempo para compreender coisa tão simples! Em todo caso ainda era tempo, e era preciso ser forte e reagir.

A rua, escassamente iluminada, estava deserta, e os meus passos sobre a calçada, traziam-me por contraste o silêncio. Caminhava absorvido por essas ideias, já agora abandonado a uma quase aceitação do irremediável, quando ao passar pelo portão de uma residência levantada ao fundo de um jardim arborizado, senti um suave perfume de flores noturnas. O cheiro das flores, inesperado e ativo, uma estrela que vi riscar o céu, o misterioso silêncio das coisas adormecidas, agravado tudo isto pelo meu estado de espírito no momento, acabaram por me comover. Que vida a minha pensei. Não, era preciso reagir antes que fosse tarde, antes que fosse tarde demais! E uma vez que não tinha, como acabava de reconhecer, vocação para a arte, tentar ao menos... Sim, restava-me o outro lado da partida, restava-me o amor. O amor, murmurei cheio de uma vaga, ainda que secreta esperança. Quem sabe se não era exatamente a minha inexperiência dele que me fazia um incapaz? Quem sabe se junto a uma mulher a quem eu amasse e por quem fosse correspondido, os meus sentidos e o meu espírito não despertariam para novas e desconhecidas percepções? Deixem passar em silêncio, pela franqueza com que o confesso, este profundo egoísmo, ou levem-no em conta de feição natural de artista... Aliás era bastante confuso o que eu então sentia, não menos claro o que pensava; foi, lembro-me com a imaginação em fogo que entrava dali a pouco em casa. Corri à estante à procura da minha Bíblia; precisava (onde mais uma vez compreendi o quanto a arte, em certo sentido, é útil) precisava ler o “Cântico dos Cânticos”. Mergulhei na leitura, e já em meio, quando de repente atirei o livro para um lado e pus-me a desenhar, em uma tela em branco que deixo sempre no cavalete, os mais extravagantes e loucos

motivos. Passavam-me tão rápidos e intensos pela cabeça que eu mal tinha tempo de os fixar... O carvão esfarelava-se em minhas mãos, eu riscava cabeças de mulher, qualquer coisa que tanto podia ser uma flor como um instrumento, apagava tudo, e recomeçava e tornava a apagar e a recomeçar, furiosamente. Que buscava com aquilo? Ao afastar a tela, para ver, desgostei-me e exausto, o espírito mais serenado, fui deitar-me.

Acordei tarde no dia seguinte, mas não sem uma ideia. Como até ali não me havia sentido com forças para tentar a "figura", limitara-me à "paisagem" e à "natureza morta". Concluí que havia chegado o momento para ir mais longe, que talvez fosse até menos infeliz no novo gênero, ainda que mais difícil, se assim se pode falar a respeito da arte e artista, e decidi-me. Experimentaria um auto-retrato. Mas antes de dar início a qualquer coisa abandonei essa ideia, ou melhor, troquei por outra: faria um retrato de moça. Que não deixaria afinal de ser um auto-retrato, apenas mais sutil, indireto.

Não tive mais um momento de tranquilidade: a ideia de um retrato de moça possuiu-me, absorveu-me. Uma dificuldade material, porém, veio se interpor. Habitado à pintura ao ar livre e com modelo, precisava que alguém posasse para o retrato. Mas o entusiasmo que me dominava era grande demais para se deixar vencer por obstáculos, sobretudo materiais. Remediei a dificuldade como pude. Talvez pareça ridículo, mas se disser que durante dias saía todas as tardes à rua exclusivamente para procurar modelos, estarei apenas sendo verdadeiro. Sentava-me num café e, lápis na mão, ia colhendo detalhes de mulheres que entravam e saíam. Afinal, de posse de todos os dados que julguei necessários, deixei-me ficar em casa, pondo mãos à obra, cheio de confiança e num entusiasmo sem igual.

Tempo perdido! Sim, dois dias malbaratados. Ao cabo, que via diante de mim senão uma servil, servil e anti-artística reprodução da realidade? Contudo serviu para compreender a estreiteza de toda a minha pintura até então e, desesperado, destruí os trabalhos que tinha à mão. Não, não era aquilo o que eu queria! Foi então que uma ideia me surgiu, empolgando-me, exaltando-me durante dias e dias. Era todo um caminho que se abria a meu espírito. Lembro-me de que, a princípio, a coisa se apresentava assim, pictoricamente: o excesso de luz destrói a cor, que é o caráter das coisas; depois a exterioridade das coisas só serve para esconder a sua própria verdade; e por fim, ainda que à primeira vista parecesse paradoxal, para ver a realidade é preciso fechar os olhos.

Encontrava-me, neste momento na rua, e era ao entardecer; dei-me pressa em voltar para casa, começando imediatamente um retrato de moça. E recordo que, procurando dentro de mim os elementos de criação que antes não encontrara, embaraçado pelo preconceito de realidade, a primeira lembrança que me aflorou ao espírito foi a de uma figura de moça entrevista em viagem de minha adolescência. Eu ia de trem de São Paulo para Curitiba, e viajava sozinho havia umas vinte e duas horas. Cansado e aborrecido, vinha ora lendo, ora adormecendo sobre as revistas que comprava nas estações. Com

indiferença, deixava-me agora estar olhando para o que se passava no vagão, ou pelas vidraças contemplava a paisagem, onde de espaço a espaço, numa constância quase previsível, renques de pinheiros se enfileiravam numa monótona continuidade. Era tarde, no inverno, e uma chuva miúda salpicava os vidros com pequenas gotas de água. De repente fez-se treva durante alguns segundos: o trem atravessava um túnel. Afinal de novo a claridade brilhou e, a meus olhos, na velocidade da marcha, desenhou-se de relance a figura de uma moça de verde com uma sombrinha branca, atravessando a praça de um lugarejo. Foi tão rápido isso, que me ficou nos olhos como uma visão de sonho; será inútil explicar que o resto da viagem me pareceu ainda mais longo e que desembarquei triste... Pois foi essa visão de minha adolescência, diluída na memória através do tempo -- ou ao contrário, quem sabe? conservada intacta -- que vinha agora posar em silêncio para mim.

Comecei a manchar a tela a carvão, depois estes traços desapareceram sob a tinta – e foi durante dezoito horas de intenso trabalho ininterrupto que cheguei, aniquilado mas feliz ao resultado que procurava: o meu retrato de moça.

Por que aquela rosa vermelha em suas mãos? Também esse detalhe tem a sua história, ainda que simples. Não o havia previsto; entrou no fim, para ajudar a composição e servir de contraste de luz. É o botão que uma amiga esqueceu no meu “atelier” uma noite, e que eu vi desabrochar no jarro em uma esplêndida rosa na manhã de um domingo que já vai longe...

Quanto àquele fundo neutro, sobre que tanto se comentou, confesso que foi procurado intencionalmente para harmonizar com a figura, para dar ao quadro o que já se chamou, e com justeza, de “unidade de efeito”. Mais: já o havia previsto antes de dar o primeiro risco a carvão na tela em branco. Houve quem me falasse a propósito desse retrato em “impressionante atmosfera de tempestade prestes a desabar”. Quero crer que essa impressão nasce exatamente desse fundo. Quem sabe se não foi somente para conseguir tal efeito que eu quis pintar o meu “Retrato da moça de verde”?

Não disse mais nada; e diante do que ele acabava de contar, nem ousaram os mágicos afirmar que estavam com a razão, nem os lógicos inteiramente com ela – pois se para ver a realidade, vamos dizer primária, ele precisava fechar os olhos, tivera-os antes bem abertos para a secundária.

No silêncio que se fez, nunca os versos de *Keats*, os célebres versos de sua “*Ode on a Grecian Urn*”, poderia ter sido lembrados em mais bela ocasião:

"Beauty is truth, truth is beauty", – that
is all
Ye know on earth, and all ye need to know.

O SOLDADO

ERA mais alto que baixo, tinha o rosto comprido sombreado por uma barba azulada, e nos olhos, acinzentados, havia uma fria expressão de audácia subjugada.

Vi-o pela primeira vez no dia em que me apresentei ao quartel. encontrava-se de serviço na Casa das Ordens e foi ele que me levou à presença do comandante da companhia em que devia servir.

Como o brigada o chamasse, ordenando-lhe que “conduzisse aquele paisano à 4.^a”, perfilou-se com presteza, tomou o papel que lhe era estendido, e voltando-se vivamente para mim:

“– Vamos !”

Sáímos, ele a largos passos nervosos, eu esforçando-me para acompanhá-lo lado a lado, observando-o de soslaio. Por que tanta pressa, meu Deus ? Mas não ousei adverti-lo, nem ele parecia disposto a dar comigo outra palavra além daquele lacônico: “Vamos !”

Nem por isso o achei menos simpático; ao contrário, aqueles modos, sua reserva, a consciência de sua superioridade ou o que quer que fosse, sobre o meio, que ele sem afetação, mas também sem timidez, deixava transparecer, pareceram-me (e com o tempo pude ver que o era), uma exceção, e disse comigo: “Está aqui um sujeito que é preciso não perder de vista”.

Atravessávamos agora o pátio do regimento; à esquerda, entre touceiras de bambu – era após o rancho – soldados conversavam na sombra. Ao verem-nos, chamando-me desdenhosamente de recruta, um deles gritou-me se eu não tinha um cigarro. Voltei-me; todavia antes que pudesse responder qualquer coisa, ouvi-o observar-me com aspereza: “– Deixe lá, esse tipo não merece senão um olhar de desprezo!”

Sem dúvida que em outra pessoa que fosse esta frase me teria surpreendido, deixado uma péssima ideia de quem a pronunciasse; nele, porém, achei-a natural: dir-se-ia, tal a sua maneira de ser, que tinha o direito de falar assim...

Então prevendo que não me ia sair muito bem, contudo animado por suas palavras, indaguei-lhe: “– Você também é da 4.^a Companhia ?” Ele não olhou para mim: “– Não, da Cia. Extra”. Ah! E é daqui? “De Macaé”. “– Está

terminando o tempo; vai ser licenciado agora, não?” Ele me fixou rapidamente, mas não sem uma dura expressão de desagrado: “– Mas é um interrogatório?”.

Não trocamos mais palavras – e tive no primeiro instante, o sentimento de lhe haver dado a impressão de um ingênuo impertinente, de uma lamentável criatura como o outro do cigarro, “que não merecia senão um olhar de desprezo”.

Digo: no primeiro instante, porque depois que me apresentou ao capitão, passou-se entre nós um pequeno incidente que me levou a mudar de ideia. Com efeito, não podia ser apenas curiosidade; ou ainda que sim, já era uma denúncia involuntária, significativa.

Foi simples. Mal se afastou, voltei-me para observá-lo pelas costas. Um movimento cem vezes ensaiado não teria sido tão perfeito! Pois no mesmo momento ele teve igual gesto, e foi-nos impossível disfarçar: encaramo-nos com espanto, um sorriso desconcertante de parte a parte. Tempos depois, quando a vida em comum nos aproximou, nunca tocamos nesse pequeno incidente, como se tal coisa não houvesse acontecido, porém mais de uma vez estive a ponto recordá-lo, perguntando-lhe o que havia pensado naquela ocasião, (e por duas vezes em nossas conversas notei que ele se referia indiretamente àquilo, esperando ver o que eu diria), mas talvez porque no fundo as relações entre nós eram penosas, não chegando jamais à verdadeira intimidade, silenciávamos.

Mas não antecipemos. Iniciei-me na vida de caserna com seus toques de corneta nas madrugadas frias, as últimas estrelas brilhando ainda no retângulo das janelas como um convite mais ao aconchego da manta que ao calção de física; depois das infindas instruções de ordem unida sob o sol implacável e as torturantes botas de tachas, e mais os combates simulados, e as marchas noturnas e as longas horas de plantão... Já ia em três meses. E à medida que o tempo passava, vim a saber o que me interessava a seu respeito. Seu número de praça 715 (exatamente como o tratavam), chamava-se Dilermando Correia e era voluntário, devendo por isso tirar ainda um ano de serviço. Mais: com dois meses de praça havia desertado, num dia de formatura geral, depois de atirar ao mato o fuzil, que um oficial recolheu com solicitude ao regimento. Como se nada houvesse feito, oito dias depois apresentou-se no quartel à hora comum do expediente. Admiração dos companheiros, perguntas, curiosidade. “– O 715 está aí! O 715 está aí!” A frase transmitida boca em boca, chegou aos ouvidos do sargenteante, que se apressou a levá-lo ao comandante da companhia. O capitão, homem impulsivo, pôs tudo a perder. Estava examinando o programa de instrução do dia; ao vê-lo, suspendeu prontamente o trabalho, e pondo-se aos gritos, perguntou-lhe “se era capaz de avaliar a extensão do crime que cometera”, onde andara, por que fizera aquilo. Ameaçou-o com um conselho de guerra. Dilermando não deu palavra. Então, dominando-se a custo, o capitão mandou recolhê-lo imediatamente ao xadrez.

E como era homem criterioso nas suas horas de reflexão, achou de melhor aviso não levar adiante o incidente: puniu-o somente com quarenta e cinco dias de reclusão em cela separada. Por que havia desertado ? Por que se apresentara ? Mas Dilermando nunca se explicara, e a maioria tomou-o dali em diante em conta de doido; alguns achavam-no um sujeito perigoso, outros eram de opinião que não passava de um “boa vida”.

Ora, um domingo em que estava de serviço, meti-me na cabeça tentar uma aproximação com Dilermando e desvendar de uma vez o seu mistério. Encaminhei-me para a Extra; o alojamento estava vazio, apenas um cabo se barbeava num espelho à parede, enquanto ele, (havam-me informado de que só às noites saía à rua), recostado numa cama ao fundo, segurava uma brochura diante dos olhos. Procurei chamar a atenção, pisando forte, porém ele não deu a menor demonstração de haver notado minha chegada. Que leria ? Passei junto a sua cama: “MORRO... Tornei a voltar, e pude ver claramente: “MORRO DOS VENTOS UIVANTES”, Emily Brontë.

O meu interesse tornou-se ainda mais forte, pois não me haviam dito que ele tinha o hábito de ler, e ainda que fosse natural tê-lo previsto, eu não pensara nisto, surpreendendo-me sobretudo a qualidade de suas leituras. Curioso. Quem sabe se também não escrevia ? Nesse caso, que coisas singulares havia de fazer! Julgo ocioso dizer que não foi dessa vez ainda que nos aproximamos...

Estávamos nisto, ou melhor, estava eu nisto, pois de sua parte não havia nada, quando uma tarde o boletim deu a transferência dele para a minha companhia. É que tinha o curso de transmissão – depois confessou-me que o haviam matriculado nele contra a sua vontade – e os “especialistas” da Extra haviam sido todos requisitados pelos batalhões, agora que ia começar o período de acampamentos.

Veio o primeiro, de uma semana, e foi aí que um simples acaso nos aproximou. Exausto da marcha, o batalhão acabava de chegar, espalhando-se pelo terreno em que devia acampar. Era à tarde, a força do sol ia diminuindo; os mais ativos deram-se pressa em pôr mãos à obra, aos poucos a atividade fez-se geral. Nas barracas, nós nos alojávamos dois a dois; como estivesse só e o reparasse sentado na mochila a observar aquela azáfama com indiferença, convidei-o para companheiro.

Aceitou com um gesto de cabeça. E em silêncio passamos o primeiro e o segundos dias. À noite, enquanto no acampamento os soldados organizavam cantorias em torno de fogueiras, eu, na barraca, acendia uma vela e abria o meu compêndio de Direito (cursava nesse tempo a Faculdade). ao passo que ele, estirado na sua cama de sapé, imóvel, deixava-se estar pensativo e distante...

Uma tarde, como deixasse à vista, de propósito, o meu compêndio de Direito, surpreendi-o a folheá-lo. Desculpou-se, murmurando que “estava

apenas vendo uma coisa”, e largou-o. Ofereci-lho. “– Obrigado, esse gênero não me interessa”, fez ele, não sem uma ponta de ironia.

Mas daí em diante, estabeleceu-se maior contato entre nós, uma certa intimidade, ainda que de superfície, foi-se criando à força das circunstâncias. Conversando sobre livros, pude ver que era mais informado ainda do que eu supusera, apenas os seus conhecimentos literários eram feitos exclusivamente no sentido de seu temperamento. Quero dizer, eram deformados por ele, ignorando e fazendo questão de ignorar os autores que não tinham afinidade com seu espírito. Com que profundo desdém se referiu a “toda essa enxurrada de modernos romances populistas!” Em contraste, o seu entusiasmo a propósito de Dostoiévski e Poe! Chegou a sentar-se, voltando para mim, numa fala nervosa e incontida.

Aproveitei a ocasião para perguntar-lhe se não escrevia. Diminuindo o tom, respondeu-me que de fato há muito pensava nisso, porém que jamais o fizera. Adivinhei-lhe uma evasiva na resposta, e disse-lhe francamente que sentia que não falava a verdade. Temi que se suscetibilizasse, mas não, sorriu com bonomia. Realmente, confessou-me, tinha muita coisa na cabeça, que em tempos tentara levar ao papel, contudo não conseguira nada, pelo menos que o satisfizesse. Aliás, para que escrever ? Interessante era forjar os enredos, perder-se sem outras preocupações pelos caminhos da imaginação, muitas vezes até tocar os limites extremos da alucinação e da loucura. Não julgasse por isso que era um demente; (e fitou-me desconfiado), a loucura a que se referia não era a que leva a hospícios, mas “longo, imenso e consciente desregramento de todos os sentidos”, como dissera certo grande poeta.

Tudo aquilo era para mim uma verdadeira revelação. Não mais abri meu compêndio de Direito, estimulava-o sem cessar com sugestões, e quantas noites, horas e horas depois de haver tocado o silêncio geral, não ficamos conversando em voz baixa, à frouxa claridade de um coto de vela! Ah, as suas histórias de destinos falhados, feroz ou melancolicamente solitários; fantásticos noivados; mortes de mulheres belíssimas e amadas; vidas destruídas pelo orgulho de uma palavra; vinganças; ódios recalcados entre parentes, esposos! Com que implacável lógica no entanto conduzia os seus enredos, nunca sentimentais, estranha mistura de observação, poesia e verdade.

Enfim, voltamos para o quartel; os meses foram-se passando, por duas vezes estivemos separados, doentes no hospital em épocas desencontradas, – chegou afinal o dia do licenciamento. E despedimo-nos, não digo amigos, pois era próprio de sua natureza não se ligar às pessoas, porém com muita simpatia. Fui levá-lo à estação na madrugada de seu embarque para Macaé, e conversando pela última vez, prometemos que nos

corresponderíamos. Mas ainda que eu o fizesse, não obtive resposta, nunca mais o vi nem tive notícias suas.

Todavia, evocando meu tempo de quartel, vejo que não é senão em torno dele que ficaram em mim as superficiais e frágeis impressões daquele meio – foi a única impressão realmente viva, profunda, indelével.

Para Álvaro Penafiel.

O OSCURO INIMIGO

— Ô douleur! ô douleur! Le temps mange la vie,
et l'obscur Ennemi qui nous ronge le coeur du
sang que nous perdons croit et se fortifie!

CH. BAUDELAIRE, *Les Fleurs du Mal*.

I

N O RELÓGIO elétrico da seção acabavam de soar cinco horas. Abandonou o que estava fazendo, consultou maquinalmente o relógio, desceu os olhos para a papelada sobre o bureau, ficando um instante indeciso. De súbito, como quem toma uma resolução, guardou-a nas gavetas e deixou a sala em silêncio.

Para esquivar-se à companhia dos colegas que também se apressavam para sair, desapareceu rápido. Como acontecia quase sempre, porém, foi inútil. Mal alcançara a porta, pôde ouvir distintamente a voz resoluta de Elpídio Muniz destacando-se do burburinho das conversas.

– José Henrique! José Henrique!

Deteve-se, voltando a cabeça.

O colega indicou-lhe com um gesto o telefone.

Tivera aquele pressentimento ao ouvir o ruído do aparelho! Na precipitação de voltar, José Henrique esbarrou violentamente em alguém que saía, mas refletindo no chamado nem se lembrou de pedir desculpas. “Será possível! Todo o dia há de aparecer à última hora um motivo para me reter aqui...” Ainda se lembrou que Lavínia lhe falara em ir naquela noite a um concerto, mas apressou-se em atender.

– Acho que é o diretor! Pela voz... esclareceu o colega, debruçando-se à janela que abria para a rua.

E quando dali a pouco José Henrique depunha o fone:

– Enganei-me?

José Henrique olhou-o espantado e quase ia deixando sair impensadamente: “Oh, você ainda não se foi?”, porém refletiu a tempo.

– Não; era o Dr. Matos mesmo... Vamos?

– Estava justamente à sua espera, respondeu Elpídio Muniz segurando-o de leve pelo braço enquanto deixava a sala, agora vazia.

E como José Henrique continuasse calado:

– Então, que queria o diretor? indagou com interesse.

José Henrique teve um vago sorriso irônico observando que Elpídio Muniz, por demonstração de respeito, evitava chamar o diretor pelo nome, e disse laconicamente que Dr Matos lhe pedira para ir à noite a sua casa.

– Será para fazer-lhe as informações do boletim de merecimento do pessoal?

– Que pessoal?... repetiu José Henrique que, com o pensamento no concerto de que Lavínia lhe havia falado pela manhã, ouvira apenas a última palavra.

Enquanto tomavam o elevador, o outro entrou em detalhes sobre o fato. Já dentro, para atalhar a conversa, José Henrique preferiu explicar-se:

– É sobre o novo serviço que se está criando. O Ministro indicou Dr. Matos para falar na inauguração e ele pediu-me agora que fosse ajudá-lo na redação do discurso. Vai mandar buscar-me em casa de automóvel entre 7 e 7,30...Não sei para que serve tudo isso, arrematou por fim, fazendo um gesto característico, com a mão.

Elpídio Muniz discordou, mostrando-se levemente escandalizado com a maneira de ver de José Henrique, achava que era uma honra do Sr. Ministro a feliz indicação do diretor naquela circunstância, e ao chegarem à rua repisava ainda lugares comuns sobre a admirável organização para que caminhava de alguns anos a esta parte a administração pública. E citava como argumento insofismável a criação daquele serviço, de que justamente não se havia até ali cogitado, etc, etc...

José Henrique desinteressava-se francamente pelo assunto e como caminhassem agora na Avenida, interrompeu-o sem cerimônia:

– Bem, Muniz, obrigado pela companhia. Meu ônibus vem ali...

Mas o outro convidava-o para um café.

– Não me posso demorar hoje, fica para outro dia. Até amanhã.

Pondo-se a caminho, José Henrique ainda o viu atravessar a rua todo convicto da sua dignidade de funcionário e um pensamento passou-lhe pela cabeça: "Em que ambiente medíocre estou metido, enterrado... É incrível como uma pessoa se possa interessar tanto por uma atividade que nada oferece de interessante, é incrível!" E um profundo desgosto o dominou.

Comprou algumas revistas femininas para Lavínia e meteu-se no ônibus, que se aproximava.

Estava calor, um intenso calor de verão carioca, e José Henrique esforçava-se por distrair-se com os detalhes que iam surgindo a seus olhos. Em breve o carro tomava pela beira-mar e com a velocidade que desenvolvia, uma aragem agradável começou a se fazer sentir.

E à medida que o ônibus avançava, José Henrique sentia-se menos deprimido, mais liberto. Teve consciência disso e reconhecendo que aliás não

era a primeira vez que observava em si este fato, achou-se ridículo. “É realmente incrível como o ambiente possa influir tanto sobre o nosso espírito”, pensou. “A gente às vezes se julga tão preparado para resistir interiormente a tudo o que vem de fora e no entanto o menor incidente nos desequilibra, somos um brinquedo dos fatos”.

Tentou afastar de si aqueles pensamentos, mas foi em vão, pois em breve surpreendia-se a considerar com amargura: “Que vida estúpida, esta minha! Uma comédia. E amanhã se repetirá a mesma coisa... Assim, quantas vezes? É horrível, eu que sempre lutei para não me deixar absorver por essa odiosa mediocridade. Mais um dia inútil, inútil... Pensar que não tornará mais, nunca mais! Dizer-se que isto, que não é mais do que isto a existência de um homem. E com que finalidade? Para que toda essa luta, meu Deus? Eis todas essas fachadas, e por detrás delas, criaturas... Homens e mulheres que acreditam viver porque se agitam, trabalham... No entanto, enterrados-vivos! Como é estranha a vida, como a natureza é pródiga criando tantos seres... como dizer? Sim, tantos seres cujo destino afinal não é senão passarem pela vida, perpetuarem-se através dos filhos e desaparecer na sombra... Oh, e por que não serei como eles, porque esta terrível consciência de um destino mais alto assistindo-me viver? Assistindo-me viver? Talvez mesmo me impedindo dessa coisa tão simples para os outros... Por que e para que existirão criaturas como eu? Como sinto nojo de tudo isto, como toda essa mediocridade me exaspera! Foi para chegar a isto que eu deixei um dia cheio de revolta o colégio? Onde estão as antigas esperanças? Eu, que sempre me revoltei contra o espírito de rebanho, como me tornei “todo mundo”...

E por um rápido instante, no fundo de sua consciência, se agitaram os contornos de possíveis caminhos que teria podido seguir. “Sim, e por que não?” pôs-se a considerar, ele que era sempre implacável consigo próprio. Mas uma outra pergunta ricocheteou prontamente em seu espírito: “Mas fui eu, José Henrique, que consciente, livremente, me decidi por este?” E o mais doloroso era ver-se obrigado a reconhecer que não. Não, nem isso! Fora apanhado insensivelmente pela engrenagem da vida. E agora com trinta anos, sentia-se um homem acabado, um velho, senão fisicamente, pelo menos (e isto era a maior derrota), em seu espírito. Mais um pouco e esta vigilante consciência de revolta, já cansada, dúbia, acabaria rendendo-se de todo, reduzindo-se ao silêncio. Seria a morte moral. Ele ainda se arrastaria decerto por muitos, por longos anos, mas que seria senão uma caricatura de si próprio?

Todo entregue a estas amargas reflexões, foi maquinalmente que deu o sinal de parada. Cabeça baixa, desesperadamente concentrado em si, dirigiu-se para o edifício em que morava... E só ao entrar no “hall” é que reparou que havia esquecido as revistas no ônibus.

II

Celita e Dauro brincavam no corredor com as crianças do apartamento vizinho. Vendo o pai abrir a porta do elevador, correram para ele em alvoroço, pedindo que o levassem no alto:

– Primeiro eu! Primeiro eu! gritavam a um tempo, agarrando-se a ele.

José Henrique repreendeu-os docemente, e tomando Dauro no colo, entrou em casa com Celita pela mão.

A menina sumiu-se pela casa a dentro chamando a mãe; Dauro, nos joelhos do pai, que se sentara, explicava agora na sua vozinha cheia de inflexões suaves e muitos gestos, como havia cortado o dedo, que tinha amarrado. Culpava a irmã que o havia chamado de medroso.

– Celita disse isso? Ah, então é preciso ralhar com ela, dizia-lhe o pai, afagando com carinho os seus finos cabelos em franjinha.

Foi a essa altura que Celita voltou à sala com a mãe. Lavínia demorara-se a compor os cabelos, que usava em tranças durante o dia, por comodidade, mas que sabia José Henrique preferir ver soltos. Ao entrar, compreendeu pelo olhar que o marido havia gostado de sua nova saia verde-mar e sentiu-se feliz, o sorriso que teve para ele bem queria dizer: “Gostou? Pois então muito obrigada, querido!” Tinha vinte e quatro anos e era morena e esguia. Pela expressão de seu rosto pequeno, feições delicadas, era-se inclinado a ver-lhe uma certa satisfação em sentir-se bonita, o que não correspondia à realidade, pois observando-a melhor, notava-se uma tímida perturbação neste sentimento...

José Henrique levantou-se para beijar a mulher. Como ele gostava de a ver assim de saia escura e blusa branca! Tendo reparado no ramalhete de violetas bordado no pequeno bolso de onde aflorava um lenço rendado, tocou-o com o dedo.

– São violetas de verdade... gracejou Lavínia.

– É nova essa blusa? perguntou Henrique batendo-lhe de leve no rosto.

– Meu Deus, nova! Estou cansada de vesti-la...

Sentaram-se.

Dauro subiu-lhe de novo para os joelhos, enquanto Celita, num movimento rápido, trepou no divã. Lavínia repreendeu-a com o olhar, a menina ficou indecisa, mas José Henrique, percebendo, atraiu-a para si com um “deixa!”

E como Lavínia e José Henrique se pusessem a conversar, Dauro começou a bater no rosto do pai para fazer-se ouvir.

– É verdade, que foi isso no dedo dele? indagou José Henrique.

Lavínia ia falar, mas as duas crianças a interromperam:

– Foi Celita quem me disse que pegasse na faca...

– Eu não papai! Foi ele mesmo que quis.

José Henrique quis saber o que a mulher pusera no dedo do filho.

– Um cortezinho de nada, molhei com água e sal, que era o que tinha à mão.

– Mamãe botou água com sal, tagarelou Dauro, e quando ela foi buscar o pano eu lambi... Ih, é amargo!

Riram-se; José Henrique afagou o rostinho ingênuo do menino, e como Celita o beijasse, estreitou-a contra si. A umidade dos cabelos soltos de Lavínia, aconchegada a ele, transmitia-lhe à face uma doce sensação de frescor. Que delicioso instante para ele, este, na despreocupada intimidade da família! Por alguns instantes o mundo se resumia naquele pequeno círculo de seres queridos, e era feliz! Por estas três afeições é que ele se deixava cativar, é que ia abdicando de tudo sem violência, que se entregava mansamente vencido...

Estranhamente, haviam ficado em silêncio, em silêncio cheio de tranquila poesia; José Henrique lembrou-se da sogra, indagando à mulher por ela. E como Lavínia dissesse que a mãe havia passado bem naquele dia, tendo até saído em visita ao túmulo do marido, José Henrique limitou-se a um gesto.

Mal haviam pronunciado estas palavras a seu respeito quando dona Luísa entrou na sala.

– Como está, dona Luísa?

– Boa, obrigada... murmurou ela, aproximando-se do neto para ajeitar-lhe a gola do casaco.

“Estava boa” pensou José Henrique. E o acento de profunda resignação que havia naquela voz não lhe passou despercebido, dominando-o um indefinível sentimento de piedade...

A criada veio avisar que o jantar das crianças estava pronto; e como Lavínia os quisesse levar para dentro Celita e Dauro relutavam. Foi preciso que a avó os conduzisse. E tendo Lavínia saído também, José Henrique ficou sozinho na sala, pondo-se a folhear algumas brochuras que Lavínia andava lendo no momento.

Pouco depois ela voltava à sala. E notando um sorriso nos lábios de José Henrique:

– Por que é que você está rindo?

Ele mostrou-lhe uma frase qualquer, sublinhada pela sua mão, ela sorriu, e fechando-lhe o livro com certo desembaraço:

– Então vamos jantar? O concerto de Gilda começa às oito horas, não temos muito tempo...

– Ah, Lavínia, ainda não lhe disse. Dr Matos pediu-me que fosse à noite à casa dele.

– Mas hoje?

E como José Henrique lhe contasse o telefonema à hora da saída, ela perguntou-lhe a que horas devia estar com o diretor.

– Agora, entre sete e oito horas. Vai mandar buscar-me de automóvel.

Lavínia encarou o marido com surpresa:

– E por que você ainda não me havia dito?

– Por isso mesmo... respondeu ele, sublinhando a frase, ao mesmo tempo que cingia a mulher pela cintura.

Lavínia compreendeu a delicadeza do marido e sorriu.

– Por que não vai você sozinha? sugeriu José Henrique.

Mas aquilo era ainda outra delicadeza de José Henrique, e foi-se em silêncio que seguiram para a sala de jantar. Não era a primeira, nem seria a última, que deviam abdicar desses pequenos prazeres. No entanto a vida não era feita senão deles -- humildes, raros, e nem por isso menos difíceis de realizar..

III

José Henrique acabava de sair. Lavínia recolheu ao quarto as crianças que já começavam a cabecear, sonolentas, acomodou-as, estirando-se na cama com um livro.

Subitamente fechou o livro e, o olhar fixo em um ponto abstrato, sua fisionomia tomou uma expressão pensativa.

“Não, não! murmurou ela, apanhando de novo o livro e tentando apanhar o enredo no ponto em que o interrompera.

Inútil. Seu pensamento misturava-se às palavras impressas e quando deu conta de si, surpreendeu-se a repetir: “Não, não, seria injustiça de minha parte. Meu marido seria incapaz de uma coisa dessa, bem o conheço. Seria horrível...

Mudou de posição, ajeitando ligeiramente os cabelos. “Sim, mas às vezes é de onde menos se espera que...” tornava implacável, aquela voz. E a sua imaginação (Lavínia era vítima permanente de seus exageros), veio um sem-número de casos de infidelidade conjugal... Daí, para aquela lembrança, foi apenas um passo! Sim, como um raio, seu pensamento foi cair naquele doloroso defeito cuja consciência, ainda que em certos momentos menos aguda, nunca a abandonava. Oh, como aquilo a fazia sofrer! Uma coisa tão simples, imperceptível mesmo aos estranhos, no entanto que tortura, que martírio silencioso e cruel! Havia momentos em que a consciência daquela irremediável realidade como que anulava em seu espírito todas as outras sensações possíveis, tinha a impressão de que poderia, de repente, perder para sempre a razão...

Fora no seu primeiro ano de casada. Voltava de visitar Gilda, que noivara dias antes, e, nem meia hora depois... Bem que ela não queria tomar aquele ônibus! Parece que estava adivinhando... “– Esse serve, esse serve! Não perca esse, sua boba!” fizera Gilda, depois de a ter retido tanto tempo à porta, enquanto passavam outros. Ah, como havido custado a acostumar-se, não à imobilidade da mão, mas à ideia, ao fato de carregar consigo dali em diante aquele defeito! Chorara tanto durante o tratamento... Certas noites, ao acordar casualmente altas horas, aquela ideia se apoderava dela de maneira tão intensa, que chegava a desejar a morte.

Numa das vezes. José Henrique havia despertado também “– Que foi, querida? Está lhe doendo?” Ela se pusera a chorar. José Henrique decerto compreendera, pois repreendera-a docemente: “– Durma, Lavínia! Você parece criança... Não pense em tolices!”

Do lugar em que estava, via a própria imagem no espelho do imóvel fronteiro. Levantou-se e foi espiar-se mais de perto. Esteve a considerar o rosto, detalhe por detalhe, ajeitou os cabelos para detrás da orelha, deteve-se alisar as sobrancelhas, deu um toque nos cílios, depois afastou-se um pouco para se contemplar inteira.

Não se achou feia, mas olhando para a mão que o espelho refletia... “Oh, é horrível!” E uma violenta vontade de chorar a dominou. Mas procurou conter-se, deitando-se.

De repente, lembrou-se de rever antigas cartas de José Henrique no tempo de namorados e agarrou-se àquela ideia com uma vaga esperança. Que lhe poderiam elas dizer ? Não sabia direito o que ia procurar nelas, mas era preciso revê-las, elas tinham alguma coisa a dizer-lhe... Foi buscá-las e, espalhando-as sobre a cama, pôs-se a reler algumas ao acaso. Mas aquela vaga esperança foi-se desfazendo, insensivelmente se desencantando, e não podendo suportar por mais tempo aquilo, arrumou as cartas e deixou o quarto. Talvez, pensou, junto da mãe encontrasse um pouco mais de serenidade. E dizer que havia amigas que lhe invejavam a existência, que a consideravam feliz! Como se a felicidade estivesse na situação material... Feliz, ela! Não, não o era, e por temperamento. Pois quando lhe faltassem motivos reais, aquela sua maldita imaginação se encarregaria de criá-los.

Dona Luiza estava justamente deitando-se, quando, ouvindo os passos da filha, esperou.

– Que foi, Lavínia? perguntou ela, notando a fisionomia alterada da filha.

Lavínia ia falar, porém uma forte crise de lágrimas a impediu de articular palavra. A mãe amparou-a, fazendo-a sentar-se na cama. A crise aumentava, Lavínia falava com as palavras entrecortadas pela comoção:

– Não, mamãe, não me posso resignar... Meu marido não me ama, é impossível que me ame assim! Eu lhe dou razão, tem motivo para não me ser fiel...

E como a mãe a aconchegar se para si, animando-a:

– É inútil, a senhora está apenas fazendo o seu papel de mãe, que é consolar, continuou ela, com angustiosa exaltação. É inútil, mamãe! Compreendi hoje tudo... É somente em respeito a nossos filhos... Oh, como a vida é terrível para mim! Não, não, eu não posso me resignar em silêncio, eu não posso aceitar...

Calou-se; a intensidade crescente da comoção embargava-lhe agora de todo a palavra. Dona Luísa puxou para mais junto de si a filha, tentando animá-la:

– Lavínia! Lavínia!

Lentamente, ela serenara. Dona Luísa compreendeu que era o momento propício para falar. E começou perguntando-lhe se sabia alguma coisa de positivo sobre o que acabava de dizer a respeito do marido.

– Não, mamãe, não sei de nada.

– Então, minha filha? Não se deixe levar pelos seus nervos, pela sua exagerada imaginação. Considere as coisas. Seu marido...

– Mas falta-lhe qualquer coisa, mamãe, eu o sinto, ele não é feliz!

– E quem o é, Lavínia? Eu compreendo José Henrique. Toda a queixa dele é apenas contra a vida. Aliás se ele sente algum estímulo para enfrentá-la, garanto-lhe, é de você e seus filhos que o recebe. Mas não falemos mais nisso. É preciso estar preparada pela compreensão para não ser apanhada de surpresa nessas crises, minha filha! concluiu Dona Luísa, beijando-lhe ternamente os cabelos.

– Estar

– Estar preparada pela compreensão... murmurou Lavínia. Eis uma boa receita, o que não me impedirá de sofrer...

– Sim, ao contrário, mesmo Talvez a leve a sofrer ainda mais, Contudo a vida não é para outra coisa... Bem sei que esta palavra é dura, mas para que a gente se enganar a si própria?

Mal acabara dona Luísa de pronunciar esta última frase, ouviram o choro de Celita.

Lavínia deixou o quarto bruscamente; ajeitou a criança, que ressonou, continuando serena o sono interrompido... E deixou-se estar ali contemplando a filha em silêncio, revendo-se na pureza daquele pequeno rosto não tocado ainda pela crueldade da vida, porém que um dia... Uma profunda piedade apossou-se dela. Ah, o destino de sua filha! Se tivesse fé, se pudesse ter fé em Deus para voltar-se para Ele naquele momento! Era pequeno seu coração, tão pequeno e tão seco... Inclinou-se, depôs um beijo na testa da criança e, apagando a luz, deitou-se.

Exausta, aniquilada por aquelas agitações, não demorou em adormecer. Mas conformada? Menos triste? Talvez mais fatigada apenas...

AS ALIANÇAS

-JA-CI-RA!

– Você, Lívio ? Um instante. Entre para a varanda ou aí para o jardim. Quininha se atrasou na escola, mas já vamos.

– Vim cedo ?

– Absolutamente. Não é meia hora ?

– Já passa um pouco. Quinze para uma, Jacira.

– Ih, meu Deus! Quininha, veja se acaba logo com esses penteados, ande!

– Não tenho pressa. Eu espero, Jacira.

– Vá então vendo as minhas flores, Lívio.

– Bonitas, Sobretudo as dalias. Que vermelhas, e grandes!

– Dalias? ! Onde é que você viu dalias ?

– Então essas flores...

– Crisântemos. E nem são vermelhas, seu bobo. Grenás.

– Ah !

– Livio !

– Olá, Quininha! Como você está bonita!

– Acha ? Imagine que Jacira queria que eu fosse de uniforme do Grupo. Preferia ficar em casa, não gosto daquela roupa. Só uso porque não tenho mesmo outro remédio...

– Também não lhe fica mal.

– Me faz muito criança. Você não acha que já estou ficando mocinha, Lívio ?

– Quantos anos tem ?

– Ah, Lívio, que tem a idade ? Imagine que todos me dão... Quantos anos você acha, diga !

– Já está na quinta série, não é ? Onze... Doze.

– Viu! Doze, não é? Pois tenho dez, aliás vou fazer para o mês que vem. Aparências enganam, meu caro, como diz papai...

– Ele já veio do Banco ?

– Já veio, almoçou e saiu com mamãe. Sabem o que querem fazer? Ver uma casa lá em Niterói.

– Casa? Não estão bem aqui?

– Estamos, mas é que mamãe acha que para dar a Jacira um enxoval em condições, a gente precisa fazer umas economias. Então papai lembrou que só no aluguel da casa, sabe ? Agora não vá dizer a Jacira que eu lhe falei!

– Ora, Quininha. Escute. Jacira sabe disso ?

– Fale mais baixo, Lívio, que ela pode ouvir. Não sei. Deve saber, não é ? Jacira não estava presente no momento, mas sem dúvida mamãe depois falou com ela. Elas conversam muito sobre o próximo noivado de vocês.

– Sim ?

– Quer dizer, mamãe é quem fala com quem puxa conversa a toda hora. Mamãe simpatiza imenso com você. Acha que você é um ótimo partido, que tem um grande futuro, e não sei mais o quê. Gosta mesmo. Até me recomenda sempre: "– Você procure tratar o namorado de sua irmã com muita atenção, dona Quininha. E quando estiver com eles nada de se intrometer nas conversas, ouviu?" Fala assim mesmo.

– E seu pai ? "Seu" José foi avisado de que nós íamos hoje à cidade comprar as alianças ?

– Foi, Ouvi mamãe dizendo hoje cedo a ele. Também disse que você pedir a mão de Jacira no aniversário dela, dia dezoito. Mas papai, eu tenho a impressão, não sei, de que não simpatiza muito com você, Lívio.

– Já ouviu alguma coisa a este respeito, Quininha?

– Já. E não uma nem duas, diversas vezes, Lívio. Ainda outro dia na mesa, como mamãe elogiasse você, ele disse: "– Qual, esta minha mulher é sempre a mesma!" e abanou a cabeça. – "A mesma por que, José ?" – "Vá, vá se deixando levar pela sua falta de tato costumeira e mais tarde, então, choramingue, puxe pelas orelhas. Esse menino (era você) é muito correto, muito bom, não tenho o que dizer, mas que sabe ele da vida – Nada, um filho de papai... "Mamãe interrompeu-o:" – Não acho que o Desembargador Souto seja tão mole com os filhos como dizem... E você, quando casou conhecia muito a vida!" Quase brigaram, Lívio, Mamãe só tem um receio...

– Qual é ?

– Que Jacira, com o gênio terrível dela, não se dê bem com seus parentes e que por isso não sejam felizes... Mas que coisa, ela não aparece! Jacira! Espere aí, vou desencantá-la já, já. Depois diz que sou eu que demoro a me aprontar... Jacira! Ó Jacira!

– Tão silenciosa! Em que está pensando, querida ? Está triste, aborrecida ?

– Triste, aborrecida por quê, Lívio?

– Sei lá, as mulheres são tão complicadas. Você tem motivos neste momento para estar contente, mas vejo-a tão calada, ar pensativo...

– Não sou assim ? Mas estava me lembrando de um sonho que tive esta noite...

– Bonito ?

– Nada, Ridículo, bobo. A gente sonha cada absurdo. E ainda há quem dê importância a sonhos.

– Conte. Foi comigo ?

– Sim e não. Curioso, meus sonhos não têm um enredo. Uma confusão, uma coisa horrível...

– Bem, mas conte.

– Não estou lhe dizendo que não tem sentido? Foi assim. Era de madrugada, e nós dois íamos de trem para um lugar desconhecido em viagem de núpcias. Mas de repente não era mais trem, era um avião. Eu ia perguntar a você: "– Lívio, que necessidade tínhamos de mudar de condução, estávamos tão bem!" quando um vulto se aproximou. Julguei que fosse o aeromoço, mas não, era uma mulher parecida com mamãe. "– A senhora também vai?" perguntei-lhe. A resposta dela foi aproximar-se de mim, agarrar-me e, com uma força terrível, sacudiu-me pela janelinha afora. Não lembro mais nada; acordei angustiada, ofegante, tenho a impressão de que gritei seu nome. Mas estou falando alto demais... Será que Quininha não ouviu?

– E que tenha ouvido! Mas não, nem repara, vai olhando para fora... Como corre, este ônibus!

– Pois sim, que não repara! Isso é uma sabida. Papai acha que ela tem o temperamento igualzinho ao de mamãe. É verdade, que estava falando com você há pouco na varanda ?

– Bobagens. Gostei que você trouxesse este vestido. Pensei que viesse com o estampado.

– Sei que você gosta mais deste...

– Então é para mim ?

– Exclusivamente.

– Querida.

– Apresento-lhe minha noiva, "seu" Lino. Papai avisou-o de que viríamos hoje, não?

– Muito prazer. Esteve aqui sábado, e disse-me. Jacira? Bonito nome, e você, minha pequena?

– Quininha.

– Joaquina, não é?

– Era o nome da minha mãe... Já os atendo. Deixem-me ver este telefone.

– "Seu" Lino é um velho amigo de papai, Jacira. Amigos de infância. Há dez anos atrás, em 32, quando mamãe morreu, ele foi muito prestativo, papai deve-lhe grandes favores. É padrinho de Anita. É um homem impertinente, muito cacete, mas dessas pessoas, no fundo, boas. Sim, você nunca ouviu falar num certo namoro de tia Alice?

– Que durou quinze anos ?

– Isso mesmo. Pois foi “seu” Lino o namorado. Não casaram, imagine, por incompatibilidade de gênios. Foram precisos quinze anos para chegarem a essa conclusão. Tia Alice não o tolera.

– “Estragou a minha mocidade, aquele egoísta, aquele monstro!” Papai zomba dela, isto é, zombava antigamente: “– Ora, mana Alice, você nasceu solteirona. Seu mal foi ter arrumado um namorado com a mesma vocação”. Ela hoje tem um ódio mortal a ele. É por isso que “seu” Lino não vai lá em casa...

– Ele pode ouvi-lo... Olhe este broche, Lívio, que maravilha!

– Flores microscópicas...

– São miosótis, que o povo chama de “não te esqueças de mim”. Repare só que fino o azulado das pétalas, que perfeição! Nunca vi joia mais bonita!

– Olhe o outro ao lado, Jacira. Que amor!

– O pavãozinho, Quininha? Oh, que falta de gosto, meu Deus! Pesadão, cheio de cores... Isso até rasga o vestido.

– Bem, meninos, aqui têm alianças, podem escolher à vontade. As desta caixa são maciças, desta outra ocas. Aconselho-os a levar das primeiras. São mais caras, mas servem definitivamente. Está larga, essa ? Veja uma menor. Isso é uma coisa que se deve querer bom para ter para o resto da vida. Quando casam ?

– Ainda não sabemos.

– Estão roxinhos para isso, não? É, o casamento! O casamento é coisa muito séria. Apertada ? Então esta. Hoje são jovens, amem-se, não sabem o que é a vida. Mas amanhã! As dificuldades econômicas, as doenças... Essa fica-lhe bem. Não convém apertada nem folgada demais, fique com essa. Depois os filhos, os reveses... Mas é isso mesmo, quem pensa não casa. É como diz o poeta: esta vida são dois dias.

– Bem, “seu” Lino, agora queria que o senhor nos mostrasse um broche que está aqui. Este.

– Oh, que é que você vai fazer, Lívio ?

– Você não gostou ?

– Mas não quero, não faça isso.

– Jacira, meu presente de noivado. Aceite.

– Como é belo aqui o mar, Lívio! Que ímpeto, que força!

– E você teimava em não vir, Jacira. Copacabana tão perto, e era tão cedo para voltarmos. Está deserta a praia, deve ser do frio, fiquemos aqui muito tempo. Gosto de vê-la assim o vestido batido pelo vento, cabelos revoltos, e essa alegria nos olhos. De onde vem ?

– É a sua presença, querido. Mas ouça a música das ondas.

– A música das ondas... Quantos segredos não se escondem e não se esconderão perpetuamente sob a noite dessa espessa massa verde. Tão

plástica, mas sempre inviolável, eternamente virgem! A música das ondas... Quem sabe não é o rude clamor dos naufragos e desaparecidos. Veja, veja aquele iate que há pouco largou do ancoradouro... Ainda se divisa a mancha branca de sua vela, como a asa de uma gaivota, nos longes, e já o sulco que abriu se perdeu para sempre.

– Que misterioso é o mar, e terrível!

– Lá se foram desfazendo as nuvens que encobriam o sol... Repare esse rastro luminoso que se estende agora por cima da superfície inquieta das águas...

– Oh, vontade de sair correndo por cima... Mas aonde levará ?

– Sim, aonde levará? Pensar que assim são os caminhos do Amor...

– Querido, que nenhuma sombra, nenhuma, perturbe a harmonia desta hora ! Que pode contra nós o tempo? Dê-me a sua mão, assim. E fite-me nos olhos: eu sou o Amor, eu sou a Eternidade!

CORAÇÃO ENCOBERTO

MEUS SENHORES, vou falar! Sim, levantei-me esta manhã disposto a expor diante de vocês as minhas razões, e como podem ou não me dar atenção (aviso: é melhor mesmo que não dêem!), vou falar quanto me apetecer.

Já sei, estão curiosos para que entre no assunto, para que fale de uma vez o que pretendo. Talvez algum ironista impaciente: "Ora, que pode lá dizer de interessante um tal sujeito, deixemo-lo!"

Calma, senhores! Primeiro, nem eu próprio sei se chegarei a dizer-lhes alguma coisa, e talvez resolva calar; em segundo lugar, cumpre avançar por partes, pois sem método nada se alcança. Ah, o método, a lógica! Eis a causa da infelicidade humana – a falta de método, de regra nas ações. Que digo? A única, a verdadeira causa de erros e desgraça dos homens. Admiram-se de uma explicação tão simples? Discordam? Pois olhem, há muito que estou convencido dessa verdade. Mais: nem tenho vivido senão para cada vez mais me convencer dela. Mas eu já sabia, eu já sabia. Os homens são umas eternas crianças, ainda que não tenho o direito de o ser. Ah, como precisam apanhar para aprender! Riem-se? Podem fazê-lo à vontade. Só peço uma coisa: não vão julgar que pretendo dar-lhes uma lição de moral, hein! Bem me importa a desgraça dos outros. Vêem? Não procuro lisonjear ninguém para me fazer ouvir. Ora, já agora sou franco: não estou falando senão para mim próprio, ouviram? Como um caracol, vou arrastar-me por sobre as pedras, tomar um pouco de sol... E vão todos para o diabo, desprezo-os!

Quem sou eu? Apresento-me: Aguinaldo Cerqueira Leão, não tenho família, vivo de rendimentos e desfruto uma saúde que talvez me leve aos oitenta ou mais... Feio? Feio, mas simpático? Como se me importasse a impressão que desperto nos outros. Em duas palavras, sou alto (não muito), e magro; alguns idiotas dão-me cinquenta anos, outros apenas trinta e oito. Nem uns nem outros têm razão; ando pelos quarenta e cinco. Fisicamente o único detalhe significativo em mim são os olhos. Tenho-os miúdos, bem enterrados nas órbitas e já ouvir dizer deles que "parecem furar a pessoa feito dois punhais". Evidentemente a observação é lisonjeira; entretanto, para ser exato, devo confessar esta outra: "olhos de coruja".

Há cinco para seis anos que levo esta vida. Já era tempo, e foi o que desejei anos a fio -- tranquilidade e solidão. Antes fui tudo. Órfão de pais muito cedo, aos treze anos fugi da casa da bruxa que se dizia minha madrinha e que me espancava todos os dias, sistematicamente. Vim para o Rio (nasci num lugarejo de Minas), empregando-me depois de algumas semanas de fome numa farmácia no Méier; fui sucessivamente boy de escritório, entregador de marmitas, garçom de bar, soldado, guardião durante três anos num ginásio (onde aprendi o pouco que sei), e por último taifeiro da Marinha Mercante. Corri mundo, fui preso por engano numa casa de mulheres em Liverpool, por causa de uma gorjeta de cinco cents, agredi um português em São Francisco na Califórnia, enfim ganhei alguns cobres em contrabando e, aos trinta anos, resolvi meter-me no comércio. Veio a revolução de 30, tornei-me fornecedor do governo revolucionário, enriqueci, e eis-me independente mais cedo do que esperava. Abandonei então os negócios e vim morar nesta casa que me veio às mãos de uma hipoteca. Entre outras vantagens, esta casa tem a de ficar inteiramente isolada. Só mesmo nesta pequena ilha de N... podia ter arranjado moradia em tais condições. Até durante o dia o silêncio é completo; os únicos ruídos são os dos carros dos turistas passando na estrada nova e o marulhar das ondas, sobretudo à hora da ressaca, arrebatando-se contra as pedras da margem – mas esses, pela força do hábito, já não me chegam aos ouvidos. Comigo tenho um preto velho, Inocêncio, meu antigo empregado que me faz tudo, inclusive companhia às noites: dócil como um animal doméstico, acocora-se a um canto a tirar pequenas tragadas de seu pito de barro enquanto eu leio os jornais.

Acham triste uma vida como esta, não? Pois olhem, não invejo ninguém. Não é por amor próprio, não quero outra. Olho para trás, para todos esses anos vividos e não me arrependo de nada. Tivesse de recomeçar, faria exatamente o que fiz. Querem saber de uma coisa? Vocês têm saudades da infância, referem-se com tristeza a essa fase longínqua da vida, não é? Os doces anos da inocência, o paraíso perdido e... o resto! Pois olhem, não tenho absolutamente saudade da minha; acho tudo isso, ao contrário, sentimentalismo. Doces anos de inocência! Que inocência, hipócritas? Vocês têm saudades é da irresponsabilidade desse período, seus covardes!... A infância, ousa atirar à cara de todos vocês, a infância é um período horrível: primeiro, as doenças próprias da idade; em segundo lugar a dependência: “– Mamãe, deixa fazer isto? Papai, deixa ir ali?” E a inocência! Olhem, foi na infância que eu aprendi e cometi as mais sórdidas práticas da minha vida. Dirão que estou falando por conta própria, da minha infância, e não da infância. Filisteus, fechem os olhos e leiam com sinceridade dentro de vocês mesmos! “Mas a vida não é apenas a infância... E a mocidade, o amor, o primeiro amor?” Ora, vão para o diabo com essas coisas! Quanto à mocidade, não a tive, e quanto... ao amor, a isso que vocês chamam amor, é uma coisa bem estúpida. Estúpida, sim senhores. Estupidíssima! Pelo menos por causa

das mulheres, da sua mesquinhez e puro interesse. Não sorriam, pois falo por experiência. Não os importunarei, serei breve, ouçam-me! Foi assim: eu andava pelos vinte e um anos e fazia o serviço militar. Às tardes, depois do rancho, costuma sair a espairar pelos subúrbios. Ora, num desses passeios, sonhei casualmente uma pequena num mafuá. Lembro bem: era baixa, morena, tipo de caboclinha, cabelos negros e lisos, caídos sobre os ombros. Estava com outra, uma meninota ruça, feíssima. Aproximei-me, entramos em conversa, ofereci-lhes sorvetes, que aceitaram. Como se fizesse hora, acompanhei-a até o portão de casa, separamo-nos namorados. Em três meses – era um criança – estava caído por ela e propus-lhe casamento; concordou, disse-me que fosse pedi-la aos pais. Gente pobre, acolheram de boa sombra o pedido, combinou-se que ao dar baixa do serviço militar arranjará um emprego (que aliás já me haviam prometido), e nos casaríamos. Mas... mais uma semana depois tudo acabou. Foi o caso que ela... Até me envergonho de mexer nestas ridicularias. Tudo por causa de... imaginem: um gato! A história vinha de longe; como no início de nosso namoro ela tivesse dito, gracejando, que meus olhos se pareciam com o do gato... É verdade, esqueci de dizer-lhes antes que namorávamos quase sempre na varanda, ela com o bicho no colo, um pequeno gato branco, confiando-lhe docemente o pelo macio. Pois bem, zanguiei-me, discutimos; todavia a coisa passou, ou antes, julguei que havia passado, quando a verdade é que uma surda aversão ao bicho foi se criando em mim. Ora, oito dias depois do nosso noivado, acontece que ela se lembra de repetir a brincadeira. Num gesto brusco, apanhei-lhe do colo o animal e varejei-o escada abaixo. “– Ah, coitado! Que lhe fez o pobrezinho?” Tinha gênio; pondo-se de pé em minha frente vi que suas narinas fremiam, o olhar faiscava-lhe. Estava em jogo o meu amor próprio. “– Olhe”, falei, “não quero mais vê-lo, trate de se desfazer urgentemente dele, ouviu?” “– Desfazer-me? Pois sim! Hei de levá-lo comigo, case-me seja lá com quem for!” “– Nunca!” “– Veremos!” Separamo-nos arrufados nesse dia. Faltei duas noites de propósito; na terceira apareci e a primeira coisa que fiz foi perguntar-lhe pela decisão. “– Que decisão?” perguntou com naturalidade. Compreendi que representava e fui sem rodeios ao assunto: “– Bem, vim hoje aqui justamente para você escolher – eu ou...” Ignoro o motivo, tive pudor de falar a palavra “gato” no momento. Ela baixou a cabeça, pensativa. “– Mas será possível!” exclamou passados alguns instantes. “– Bem, é fácil, a solução está em suas mãos”. Ela não chegou a confessar que preferia o animal a mim, mas seu obstinado silêncio, mais eloquente que uma resposta, feriu-me. Então, resumindo, disse-lhe meia dúzia de desaforos e saí. Nunca mais a vi. O quê? Pensam que estou arrependido, depois de tantos anos? Absolutamente, era o que ela merecia. Boa mulher me ia sair dali! E antes assim, imaginem se me tivesse casado. Hoje estaria reduzido à condição de um pobre diabo, carregado de filhos e obrigações. Mão, antes assim, repito. Esta primeira experiência foi decisiva; curou-me de qualquer nova veleidade para com o tal

sexo frágil. Nunca mais namorei, nunca mais me aproximei, pelo sentimento, de mulher alguma. Mulheres! Hoje estou convencido de que não valem nada, são todas uma só coisa...

Talvez imaginem que, nesse caso, busquei uma compensação... na amizade, por exemplo. De fato, pensei em fazer alguns amigos, mas... Amizade! Eis aqui outra ilusão. Ouçam: tive três amigos, e a todos três levou-os o diabo. O primeiro julgava-me pai dele, fazendo-me constantes pedidos de dinheiro, que não saldava. É claro, mandei-o passear. O segundo não se dava a esse trabalho, roubava-me descaradamente. Quanto ao terceiro... Bem, uma história mais complicada que a dos dois primeiros, mas que não vem ao caso e dá no mesmo. Estão vendo? Vá uma pessoa confiar nos outros! Senhores, preguiça, muito sexo e desordem -- eis a vida! Exagero? Olhem em roda de vocês e digam-me. Quem é que quer se esforçar, trabalhar em silêncio no seu canto? Todos se sentem com vocação é para mandar, para vir gritar no meio da rua. Perdeu-se o sentido da dignidade, da diferença, não há mais hierarquia, não há mais nada. Dirão talvez que estou sendo injusto, que não tenho imaginação, baseando-me apenas na estrita realidade para julgar... Senhores, não julgo nem estou generalizando, constato fatos, nada mais; por outro lado, aliás, como chegar a um conceito sobre as coisas senão pelos seus frutos? Ah, o método, a disciplina! Se cada um se esforçasse por resolver o seu caso, cumprindo retamente, conscientemente, os seus deveres! No fim a sociedade inteira estaria automaticamente reformada! Mas não. E ainda vêem os sabidos, com a lábia da Fraternidade, Justiça, e não sei que outras maiúsculas... Ah, ah, ah, Amor por atacado, como me divirto! Meus senhores, ouçam a palavra de um homem, inculto embora, mas que tem a pretensão de saber onde tem o nariz: a humanidade não precisa de amor. De que precisa? Não sabem, deveras? Eu não digo, são todos uns... Os homens precisam é de apanhar, ouviram? Apanhar muito e de rijo para tirar a preguiça do corpo – eis a solução. Tenho dito!

Senhores, duas palavras ainda! Ora, eis-me aqui de dedo em riste, ridículo como um camelô, exibindo-me diante de vocês... Por que? Para que? Com efeito, eu próprio me surpreendo. Que se teria passado comigo esta noite para amanhecer hoje tão loquaz – eu que sempre tive náuseas, verdadeiras náuseas, dos faladores? Um demônio de tantos anos para vir agora – bonito epílogo! – desmandar-me em gestos e palavras diante de vocês! Ah, mas ainda não compreenderam? Não? Será preciso que lhes diga, realmente? Como, deixam-se estar aí a fitar-me em silêncio? Respondam vamos! Nada? Pois então ouçam, ouçam: NÃO ACREDITEM NUMA SÓ PALAVRA DO QUE LHES FALEI! Não, não me refiro aos fatos, esses são verdadeiros; refiro-me às minhas ideias, aos meus sentimentos. Oh, como sinto oprimido o coração, quero acabar com isto! Vejam, senhores, fitem-me bem os olhos. Estão úmidos, não é? Sim, são lágrimas! E garanto-lhes que se não são lágrimas de amor, também não são de ódio. Ah, se meu coração transborda de fel, a culpa

é da vida. Foi a vida, a minha miserável vida que me transformou neste monstro. Nem é no coração que está o fel, compreendem? é na cabeça, é na inteligência. Medito em meu passado, considero minha inútil, minha perdida vida, procurando explicar a causa do fracasso, e... Como me pesa esta solidão, sobretudo quando chega a noite! Houve um tempo, no começo, que ainda tentei ocupar-me em passatempos caseiros. Refiz o jardim de entrada, dediquei-me à criação de aves... Mas não, não era aquilo o que eu queria, para que iludir-me? Esta absoluta falta de sentido, de um sentido mais alto, de minha vida. Se me tivesse casado, hoje teria a meu lado uma companheira que as lutas e sofrimentos em comum, através dos anos... Certo teria filhos. Ah como gostaria de ter uma filha! Ouvi-la chamar-me de pai, dar-lhe dinheiro para vestidos, vê-la fazer as loucuras que não fiz, que não pude fazer! Exteriormente possuir tudo, nada ter interiormente! Antes me faltasse, antes nada possuísse, talvez conseguisse viver, ou pelo menos agitar-me, como antigamente, e ter essa ilusão. Não, não tenho o sentimento de posse, ao contrário, é com desgosto que vejo meu capital crescer de ano para ano. Sozinho. Sozinho! Pensar que não me fiz querer de ninguém! Como é terrível isto! Perdi a partida que não se joga senão uma vez. Com que clareza, com que simplicidade compreendo tudo! Compreendo – há seis meses que não faço outra coisa – mas nem por isso me sinto menos desgraçado. No entanto, sinto que apesar de tudo há ainda alguma coisa intacta no meu coração. Sim. há uma região, uma pequena região ainda virgem. Creiam-me, a inteligência é que se perverteu, a inteligência é que se endureceu desta maneira. E é aí que reside a causa da minha miséria. Oh, venham em meu auxílio, venham todos! Levem tudo, tudo que possuo, mas deixem-me por fim um sentimento de fraternidade! Não saber perdoar, não saber esquecer – eis o meu erro! Quem foi que definiu o inferno como “o castigo de não mais poder amar?” Sim, é isso o inferno, senhores, é isso, meus irmãos, o inferno! E nele vivo, e nele estou condenado a viver até o fim de meus dias... É doloroso este pensamento. Se ao menos tivesse força para acabar comigo! Mas até isso a vida me nega, até isso! Que será então de mim, que será?

Como? Que ouvi? Quem se riu desta minha efusão? Quem foi aí que me chamou de velho ridículo e sentimental? Não procurem negar, alguém zombou de mim, uma risadinha perversa me chegou aos ouvidos. Quem foi? Que se apresente, vamos, quero perdoar-lhe! Bem, não respondem, não é? São assim mesmo os homens, eu os conheço, mas não fazem mossa. Não fazem, ouviram? Quem são vocês para me ofenderem? Ainda estão para existir as setas capazes de atingir-me, fiquem sabendo! Pensam acaso que me dou ao trabalho de odiá-los? Essa é boa, desprezo-os, desprezo-os a todos, ouviram? Não me arrependo – eu nunca me arrependi de nada – do que falei, não estava senão me divertindo à custa da ingênua estupidez de todos vocês – eis a verdade. Ah, ah, ah!... E agora, como preveni de início, agora que tomei meu

sol matinal, recolho satisfeito e feliz ao meu caramujo. Fora, fora, peçonhentos animais de rebanho! Ah, ah, ah!...

– Inocência, ó estúpido, traga meu café! E a garrafa de aguardente!

AVENTURA DO PRIMEIRO CIGARRO

ANDARIA então – como vai longe esse tempo! – pelos meus onze anos. Ao chegar à tarde da escola ia botar a pasta no lugar – aquela pasta de couro com chavinha, presente de papai, e que para fazer figura eu abarrotava de livros inúteis – bebia meu café em três goles e... Perigosa fronteira!

Teresinha, minha irmã, dois anos mais velha que eu, vendo-me com o pedaço de pão, era a conta: “– Lá vai ele, mamãe!” Que raiva! Não me dava uma folga, a malvada. Aproximava-me dela de punho erguido, ameaçando-a em voz baixa, não me fosse ouvir minha mãe. “– Não se meta comigo não, sua burra!” Ora, Teresinha nada tinha a perder. Olhava-me atrevidamente, ria alto e parodiando o “filho de peixinho”: “– Sou burra ? Irmão de burra, burrico é!” Não era preciso mais; atirava-me a ela, engalfinhávamo-nos numa luta barulhenta. Lá de dentro a voz severa de minha mãe fazia ouvir-se entre nós: “– Que é isso, meninos ? Oh, crianças impossíveis!” E para mim: “– Temos rua, não é, “seu” Mário ?” Desesperado, fazia-me submisso na voz “– Vou brincar um pouquinho lá fora. É só um pouquinho, mamãe!” Aguçava o ouvido. Não havia respondido nada ? Ora, quem cala consente, era dela mesmo o ditado. Fazia uma careta, silenciosa e triunfante, à mexeriqueira da minha irmã e, antes que qualquer demora imprudente me perdesse, escapulia para a rua.

Esta cena repetia-se todas as tardes, invariavelmente. Hoje compreendo: Teresinha não era má. Não; é que minha irmã se aborrecia mortalmente com a reclusão e os bordados. E, menina, não podendo desfrutar igual liberdade, invejava as minhas regalias e defendia-se a seu modo. Aquele “moleque!” que me atirava muitas vezes em nossas discussões não era propriamente injurioso, significava apenas isto: “Seu felizardo! Enquanto que eu tenho de me contentar com as breves horas de recreio da escola...” Quanto à minha mãe, – “temos rua, não é, seu Mário ?” – era apenas por um desencargo de consciência, para guardar as aparências, não devia afrouxar muito as rédeas. Pela manhã, porém, enquanto Teresinha se encontrava na escola, ajudara-a tanto, ora a fazer compras, ora a levar recados, que de boa vontade me reconhecia tacitamente o direito àquela liberdade. Contanto que estivesse em casa à hora da chegada de papai, para o jantar, tudo estaria bem. Por minha

parte eu a compreendia e não abusava. E aquela liberdade, talvez por ser tão escassa, parecia-me maior...

Ao portão, já respirava satisfeito. Livre! Olhava a rua. Onde estavam os companheiros ? Ninguém ? Já sabia onde encontrá-los. E, sem perda de tempo, saía correndo para o "refúgio". Chamávamos assim ao nosso campo de futebol, vasto terreno baldio cercado de sólido muro de tijolo vermelho, cru, que ficava ao extremo da rua. Tenho ainda diante dos olhos a grande tabuleta maltratada pelo tempo, com os dizeres em negro:

**TERRENOS
vende-se
Tratar na rua Visconde de Cairu, nº...**

O número já não se deixara ler; as próprias letras, aliás, feitas por mão inábil, precisavam ser adivinhadas. Pudera, quantas vezes não fazíamos do pequeno retângulo de madeira o alvo das nossas pedradas! "– Vamos ver quem mira nos RR!" Um, dois, três, pá, pá! "– Acertei!" "– Quem acertou fui eu!" Oh o refúgio"! Quando não havia jogo ou depois dele, ficávamos deitados na grama até escurecer. Uns a mordiscar as espiguilhas do capim, outros a pegar luta romana, quase sempre a conversar. Foi ali que fiz o meu aprendizado teórico e prático, de biologia e outras ciências afins... E tão completo, que mais tarde bastou corrigir algumas noções confusas, que pecavam pelo exagero, e sorrir de certas superstições, pois o conjunto estava certo...

Havia poucos companheiros no "refúgio" aquela tarde. Não recordo se Mário, meu xará, se encontrava ali; lembro-me do Zé-Balão, do Fernando e do Arturzinho. Aliás esse trio era inseparável, Zé-Balão, o cabeça. Mulatinho com feições de índio, mentiroso a não poder mais (daí o apelido), era afilhado da nossa lavadeira que o criava. Brigão como ele só. A sua mania era exibir os bíceps. Arregaçava a manga da camisa de meia: – "eu tenho é muque" – e desafiava a gente para a luta romana. Vencia-nos sempre, é claro. Orgulhoso, repetia: "– Estão vendo, seus moles ? Quando crescer vou ser é "boxeur". Não foi, soube mais tarde que morrera estupidamente de um tiro... Não nos entendíamos muito bem. Como me visse, quando ia entregar a roupa em casa, varrendo às vezes o quintal, e como me negava a lutar com ele, chamava-me "mulherzinha". Mulherzinha. Como isso ofendia a masculinidade nascente de meus doze anos, como me feria! Vingava-me atirando-lhe nas bochechas: "– Por que não vai se meter com Fernando, seu covarde !"

Era o ponto fraco do mulatinho gabolas: apesar de camaradas agora, aquele havia-lhe esmurrado a cara em outros tempos, e vinha daí e de sua maneira de portar-se, a superioridade que Fernando desfrutava entre nós. Sólido,

atarracado, sisudo como uma pessoa grande. Mas que danado para acertar em passarinho com atiradeira! Estava conosco deitado displicentemente na grama, resmungando de quando em quando um monossílabo. De repente punha-se de pé: “– Vamos chumbar passarinho, pessoal ?” A gente saía com ele para os lados do edifício da “Companhia de Força e Luz”. Havia ali um grande número de fios elétricos onde andorinhas pousavam aos bandos: “– Devagar, pessoal, senão espanta!” E o Fernando, que já levava a atiradeira armada de uma pedra escolhida (andava com os bolsos cheio delas), pessoal, senão espanta!” E o Fernando, que já levava a atiradeira armada de uma pedra escolhida (andava com os bolsos cheio delas), tomava a dianteira e, o elástico estirado à altura das sobancelhas espessas, mirava. Plá-que! O bando se dispersava, uma coisinha escura riscava verticalmente o espaço. “– Matou! Matou!” e corríamos todos para o mato. Bico entreaberto, manchada de sangue a alva plumagem do peito, sentíamos nas mãos o corpo ainda quente do pássaro. Fernando apanhava a ave agonizante e guardando-a no bolso como uma *coisa qualquer*:

“Isto com arroz!” e lambia os beiços. “Coitada”, pensava comigo. Mas lembrava-me da cara de Zé-Balão – “Mulherzinha” – e guardava para mim a piedade... Era preciso ser forte, como os outros – um homem!

Já no Arturzinho eu encontrava o meu melhor amigo. Diziam que nos parecíamos; vendo-nos juntos, alguém perguntara certa vez se éramos irmãos. Não sei porque, gostei da ideia, sorri para ele e passei a considerar-me dali em diante seu irmão. Não tinha nenhuma das qualidades pessoais que constituíam em nosso mundo infantil um título de superioridade; sua vantagem, e não pequena, consistia em ser filho de “seu” Manuel, um dos sócios da “Confeitaria e Bar Flor do Minho”.

Lembro-me ainda como se tivesse acontecido ontem. Estavam os três naquela tarde espichados na grama, cigarro no bico, em tranquila conversa. Estaquei surpreendido. “– Você quer fumar, Mário ?” fez meu amigo dando pela minha presença. Antes que eu respondesse Zé-Balão se intrometeu: “– Ora, não dê a ele, é estragar cigarro... Quantos tem ainda ?” e, segurando o cigarro com um jeito todo especial, expelia a fumaça pelo nariz.

Sentia-me picado com a observação; num relance compreendi o que cumpria fazer. Era estragar cigarro? Pois eu ia mostrar àquele sujeitinho que se enganava. “– Quero, me dê”. Como uma advertência de bom. Fernando achou-se na obrigação de observar: “– Olhe lá, hum!”, enquanto Arturzinho esperava indeciso. “– Me dê, não estou pedindo ? Que marca é ? “– Iolanda, Iolanda ovais ”, e o meu amigo atirou-me o cigarro que – oh vergonha” – não fui destro para apanhar no ar.

Sentei-me com eles, e eis-me a fumar o meu primeiro cigarro. Duas, três chupadas, e foi o bastante para tornar-me alvo de Zé-Balão, que não me perdia de vista. “– Mário não traga! Eu não falei, Mário não sabe fumar. Assim, rapaz, é assim” E mostrava-me.

Fiz tudo para colocar-me à altura dos ensinamentos do mestre. Inútil. Sorvida com ímpeto, a fumaça engasgou-me; tive um acesso de tosse que me dava a impressão de destruir as entranhas, sufocar-me. “– Ah, ah, ah ... ele está vermelho que nem siri cozido!” gozavam os três. E Fernando: “– Parece mais é sapo-boi fumando!” A cabeça zonzinha, eu enxugava os olhos marejados de água, apelando ao mesmo tempo para o meu amor próprio: – Puxa, mas isto é forte à beça, heim !” Arturzinho:

“– Que forte nada, cigarro de quinhentos réis!” Também se o velho descobre que eu tirei... “ Zé-Balão: “– Outro, me dê outro!”

Talvez fosse menos infeliz numa nova experiência. Sacudi longe o maldito cigarro. “– Para mim também, Arturzinho!” Houve protestos, mas o meu amigo cedeu. Agora limitava-me a chupar a fumaça e expeli-la. E fumei este segundo e mais outro. A carteira esvaziava-se; quis a carteira vazia, guardei-a. Súbito, possuído de um intenso remorso, resolvi voltar para casa.

“– O que, já ?” admirou-se Teresinha.

Não lhe dei resposta; ouvindo porém minha mãe pedir-lhe a caixa de costura, apanhei-a de sobre a mesa e levei-a. Minha intenção era ser-lhe agradável, sentia necessidade de ser-lhe agradável. Mas com medo de que me lesse a falta nos olhos, achei conveniente disfarçar, beijando-a.

Infeliz, precipitada ideia! “–Que cheiro!” exclamou, afastando-me. “–Você andou fumando, Mário ?” “– Eu não, mamãe !”

“– Deixe eu ver”. “– Eu não, eu não, mamãe...” e fui me escapulindo. Minha mãe seguiu-me: “–Pois deixe eu ver, menino”. Compreendi que estava descoberto, que o beijo imprudente me traía, e conhecendo a severidade de minha mãe, fugi. “–Venha cá, “seu” Mário!” Mas eu já estava longe.

Que fazer ? Que fazer agora, meu Deus? Se minha mãe me pegasse, estava perdido. Uma surra. E que horror tinha eu de apanhar! Já imaginava a satisfação perversa de Teresinha:

“– Bem feito, é bem feito!” Também para que fora beijá-la ! Antes tivesse seguido o conselho dos companheiros: “– Para tirar o cheiro da nicotina basta a gente pôr o bafo três vezes numa parede de cal” Tão fácil, e não o fizera. Agora era inútil, estava perdido.

Joguei fora a maldita carteira vazia, e vi que não me restava senão isto: esconder-me. Colando-me às paredes, nas pontas dos pés, dirigia-me para o telheiro de lenha do nosso quintal. Ali era seguro, não havia perigo.

Ao entrar, uma galinha que chocava num caixote, espantou-se fazendo ruído. Bicho desgraçado. Pus-me a acariciá-la de manso, muito de manso, ela foi-se aquietando, afinal sossegou. Graças a Deus, estava sanado o perigo! Arrumei umas achas, sentei-me. O queixo na mão, olhando a galinha que me fitava com um pequeno olho vivo, entrei a considerar a minha sorte. Que seria de mim agora ? Minha mãe, decerto não me procuraria. Esperaria que eu voltasse para jantar na hora habitual, e então me acertaria as contas em presença de papai. Oh, era horrível! E arrependia-me de não ter me entregue

no primeiro momento. Se o tivesse feito, já teria agora levado a surra e estaria salvo. Enquanto que assim... Voltava-me para Deus, fazia promessas à Virgem. "Minha Nossa Senhora, se tudo acabar bem, se ela não me bater, prometo fazer tudo direito de agora em diante, até matemática hei de estudar durante um mês inteirinho. Matemática durante um mês inteirinho", repetia, querendo bem claro esta última cláusula, pois apesar de tudo, a matemática me assustava. O ruído da galinha, acomodando-se, desviou-me a atenção das promessas. Esqueci-me por momentos a contemplá-la. Que bom se não houvesse gente no mundo! Bicho, todos bichos... Galinhas, por exemplo. Mas de novo a certeza da surra me assaltava. Oh, como era infeliz! E desejei não ter pai, não ter mãe, irmã, ser sozinho. Se fosse sozinho! Para que fora meter-me a fumar, meu Deus! E arrependia-me ainda mais porque sentia agora que não havia experimentado prazer algum com aquilo. Não havia, ao contrário. Fizera-o a princípio por simples tentação, e a seguir para mostrar-me aos companheiros. Parece exagero, mas lembro-me que suspirei sinceramente pela morte, em último caso procurada pelas próprias mãos, com a condição apenas de que não doesse muito. E fechava os olhos, acreditando que bem podia, assim, acordar no outro mundo...

Nisto ouvi o sino da matriz dar as Ave-Marias. Seis horas. Meu pai devia estar chegando para o jantar. Pronto, resolvera-se o meu destino! Ficaria ali para o resto da vida. Por que não ? No romance em fascículos que mamãe estava acompanhando não havia um moço que fizera o mesmo ? Evocava a voz de Teresinha, lendo com ênfase, às quartas-feiras de noite:

"Não seria pois do nosso pobre Maurício a jovem e bela Helena. O rico e poderoso Conde de Monte-mor, a tal maldade conduz o dinheiro uma alma negra como a sua, arrebatá-la-ia. – Desgraçado, pagarás com o sangue das veias tua insânia! Exclamou o jovem enamorado. Helena enxugando os olhos e caindo-lhe ternamente nos braços: – Meu amado, não faças tal, que Deus vela pelo nosso amor. Tenhamos paciência e esperemos. Mas os dias do Conde de Monte-mor estavam contados na alma do jovem Maurício – Encomenda-te a Deus, celerado, três vezes monstro! e, erguendo no ar o seu valoroso punhal..."

Não sei porque, fazia-me bem imaginar truculências naquele momento. Quando dei por mim, estava identificado com o moço infeliz, com ele vagava por florestas, alimentando-me de frutos silvestres, dormindo em cavernas, "foragido da justiça dos homens, mas perto da justiça de Deus", como esclarecia o romance. Sim, faria o mesmo. Era o que me restava. Quando viessem ao quintal me encolheria, eles de nada se aperceberiam. Depois, alta noite, quando estivessem dormindo, entrava em casa devagarinho, apanharia um pedaço de pão com manteiga, bem grande e -- adeus, para nunca mais! Que vida! Não estudaria, não iria às compras, só eu mandaria em mim, só eu. E eles que chorassem, que morressem de desgosto. Para maior castigo, quando fosse grande, me apresentaria em casa, todo rasgado, cabelos

crescidos. “– Eu sou Mário. Estão vendo o que fizeram de mim por causa de um simples cigarro ?

Entretanto o tempo foi passando; absorvido na audácia de meus planos, porém, não havia notado o escuro. Mas de repente, ouvi barulho em casa e a voz angustiada de minha mãe: “– Dona Letícia, seu garoto está aí?” Era a vizinha; minha mãe consultava-a pelo muro, decerto. A italiana respondeu qualquer coisa sobre Osvaldo, que não percebi. “Pois é. Não apareceu para o jantar” tornou minha mãe. Houve uma pausa. De novo a italiana falou. E minha mãe: “– Mas meu Deus, onde se teria metido esse menino!” Fez-se silêncio completo. Ah, bem feito, estavam preocupados com minha ausência. Pois seria duro, meu plano estava feito e ia só esperar o momento para executá-lo. Então, conciliado com meu triste destino, cansado de tantas emoções, recostei-me nas achas; pouco depois, insensível, docemente, abolia o mundo e os meus problemas...

No primeiro momento não soube onde me achava. Passei a mão no rosto, olhei espantado. A lua... o telheiro... Que era aquilo ? Onde estava ? Num relâmpago compreendi tudo: o cigarro, o cigarro!.

Porém o medo do escuro foi maior. Derrubando achas, espantando a galinha que se pôs a cacarejar escandalosamente, deixei o telheiro. “– Mamãe! Mamãe! A casa estava deserta, de luzes acesas e escancarada. fui encontrar minha mãe no portão da rua, à espera de Teresinha e de meu pai que haviam saído pela vizinhança à minha procura.

“– Mas onde se meteu você ?” fez ela, vindo ao meu encontro. “– Mamãe!” e comecei a chorar. A princípio ela tentou mostrar-se severa, mas diante da sinceridade de tantas lágrimas, mudou de atitude, abraçou-me.”– Não chore, pronto, isso já passou”. E pedindo-me explicações de onde andara e dando-me conselhos, serviu-me o jantar. A minha fome era grande, mas diante dela na cozinha, e depois do que acontecera, sentia pudor em comer, e ia-se enxugando as últimas lágrimas na manga da camisa. Não sei se minha mãe compreendeu isto, pois procurou me animar: “– Pronto, meu filho, não faça mais uma coisa dessa, e agora tome o seu jantar, vamos!”

Estávamos nisso, quando meu pai e Teresinha entraram pela casa a dentro. “– Nada, mamãe!” fez minha irmã ainda na sala. Ao mesmo tempo meu pai: “– É melhor eu avisar a polícia !” Minha mãe fez sinal com o dedo sobre os lábios para que eu guardasse silêncio. E com bom humor: “– Ele está aqui!” Aproximaram-se, admirados. Vi minha mãe olhá-los para que se contivessem. E entrou a explicar por mim, a desculpar-me. Já reconhecia que fizera mal, eu havia prometido que tal coisa não mais se repetiria...

Cabeça baixa diante do prato, eu suspirava de quando em quando, profundamente, como que sublinhando a veracidade de suas palavras. “– Esse menino !” Comentou meu pai por fim, meneando a cabeça. E foi ler as notícias do dia na sala.

A atmosfera de drama ia-se dissipando, já se falava de outros assuntos; eu, por meu lado acabava de jantar. Teresinha, cruel: “– Se tivéssemos agora um cigarrinho, hein, mamãe ?” Estranho, não gostei daquilo, mas não lhe tive rancor. Sentia-me culpado, desejava sofrer... Mas minha mãe não lhe fez boa cara, e ela, que se ia entusiasmando, acabou calando-se.

Nunca mais pus cigarro na boca.

Orelhas

Este foi o segundo livro publicado (1946). As orelhas contém propaganda de outro livro da editora.